

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
IARTE – INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE ARTES VISUAIS

KELLY CRISTINA DA SILVA

**MÃ(E)TERNIDADE:
BORDANDO A INVISIBILIZAÇÃO DA MATERNIDADE**

UBERLÂNDIA-MG
2022

KELLY CRISTINA DA SILVA

**MÃ(E)TERNIDADE:
BORDANDO A INVISIBILIZAÇÃO DA MATERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal de Uberlândia como parte
dos requisitos necessários para a obtenção do
Grau de Bacharel em Artes Visuais.
Orientadora: Prof^a Dr^a Clarissa Monteiro Borges


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de Artes

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: - Bloco 3M


ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	49762BN - Graduação em Artes Visuais: Bacharelado - Noturno				
Defesa de:	Graduação em Artes Visuais				
Data:	16/08/2022	Hora de início:	19:05 h	Hora de encerramento:	20:10 h
Matrícula do Discente:	11611ATV235				
Nome do Discente:	Kelly Cristina da Silva				
Título do Trabalho:	MÃ(E)TERNIDADE: BORDANDO A INVISIBILIZAÇÃO DA MATERNIDADE				
A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não				

Reuniu-se na Sala Virtual de História da Arte da Plataforma MConf [<https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/clarissa-monteiro-borges>], da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Artes Visuais, assim composta: Profa. Dra. Roberta Maira de Melo (IARTE/UFU), Profa. Me. Lorena de Souza Rosa (Membro externo); e Profa. Dra. Clarissa Monteiro Borges (IARTE/UFU), orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos, a presidenta da mesa, Profa. Dra. Clarissa Monteiro Borges, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à discente a palavra, para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso.

A seguir a senhora presidenta concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

(X) Aprovada sem nota.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Clarissa Monteiro Borges, Presidente**, em 18/08/2022, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Roberta Maira de Melo, Membro de Comissão**, em



18/08/2022, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lorena de Souza Rosa, Usuário Externo**, em 19/08/2022, às 11:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3850069** e o código CRC **FAF1F456**.

"MAS ELA É PRENDADA?" "VOCÊ PRECISA DESMAMAR" "MAS VOCÊ NÃO TRABALHA"

Do fogo que arde em minha alma, à você meu filho, Ravi.

"MAS ELA É PRENDADA?" "VOCÊ PRECISA DESMAMAR" "MAS VOCÊ NÃO TRABALHA"

AGRADECIMENTO:

Ao meu filho Ravi, com todo amor do mundo, por ser luz, fogo e calor, por ser colo e aconchego nos momentos difíceis, muito obrigada.

Ao meu companheiro Luiz, por ser parceiro de luta, enfrentando as dificuldades e desafios da maternidade ao meu lado, muito obrigada.

A minha avó Maria, por ter sido feroz em seus ensinamentos, por ser minha coragem, minha motivação, por ser lar, muito obrigada.

A minha família, meu pai Ely, minha mãe Márcia, minha irmã Ana Laura e minha sobrinha Valentina, por caminharem ao meu lado sendo abrigo, muito obrigada obrigada.

Às minhas amigas, Elora, Giovanna Parra, Jéssica, Mariana, Kauanny, Amanda, por serem a família que eu escolhi, por serem ombro amigo, carinho e atenção, muito obrigada.

A todos amigos que fiz durante a graduação, vocês são parte da minha história, que sempre levarei comigo com muito carinho, obrigada.

A minha orientadora Clarissa Borges, por enriquecer esta pesquisa, por ser ouvinte dos meus desabafos, pela paciência e atenção, muito obrigada.

A todo corpo docente do curso de Artes Visuais, pela por seguirem sendo resistência em tempos difíceis, transbordando conhecimento e força, muito obrigada.

A atlética das artes, arlekings e artilharia, por serem meu lar durante os anos presentes na instituição, por contribuírem na formação da pessoa que sou hoje, levo vocês para sempre comigo nação tricolor, muito obrigada.

A Universidade Federal de Uberlândia e ao Instituto de Artes, por me proporcionarem um ensino de qualidade, gratuito, sendo um lugar enriquecedor e transformador, muito obrigada.

A mim mesma, por seguir resistindo, caminhando, a jornada até aqui não foi fácil, mas seguirei de cabeça erguida.

RESUMO

Esta pesquisa teve como propósito construir um trabalho prático, a partir de experiências pessoais e investigações teóricas, que possibilite a reflexão acerca da invisibilização das "feridas" na maternidade, e como elas passam de geração para geração. Durante este processo investigo artistas contemporâneas e faço diálogos com suas produções, trago dados sobre a questão materna no Brasil e relaciono os mesmos com as experiências maternas de minha família. Faço um paralelo entre bordado, feridas e invisibilidade utilizando o bordado como linguagem para confecção das obras, e apresentando no final da pesquisa uma exposição/instalação.

Palavras-chave: Maternidade, Artes Visuais, Bordado, Artistas mulheres

ABSTRACT

This research aimed to build a practical work, based on personal experiences and theoretical investigations, that makes it possible to reflect on the invisibility of "wounds" in motherhood, and how they pass from generation to generation. During this process, I investigate contemporary artists and dialogue with their productions, I bring data about the maternal issue in Brazil and relate them to my family's maternal experiences. I make a parallel between embroidery, wounds and invisibility using embroidery as a language for making the works, and presenting at the end of the research an exhibition/installation.

Keywords: Maternity, Visual Arts, Embroidery, Invisibility, Women artists

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pós parto imediato: acervo pessoal.....	11
Figura 2: Registro de processo.....	19
Figura 3: Registro de processo.....	20
Figura 4: Teste e escolha de cor de linhas e camisetas: Fundo preto e linha branca.....	22
Figura 5: Teste e escolha de cor de linhas e camisetas: Fundo preto e linha preta.....	22
Figura 6: Teste e escolha de cor de linhas e camisetas: Fundo branco e linha preta.....	23
Figura 7: Teste e escolha de cor de linhas e camisetas: Fundo branco e linha branca.....	23
Figura 8: Camiseta Avó: Frente: "Mas ela é prendada?".....	24
Figura 9: Camiseta Avó: Costas: " Sua comida eu aprendo, minhas raízes eu conheço, ele é prendado?".....	25
Figura 10: Camiseta Avó: Costas: " Sua comida eu aprendo, minhas raízes eu conheço, ele é prendado?".....	25
Figura 11: Camiseta Mãe: Frente: "Você precisa desmamar".....	26
Figura 12: Camiseta Mãe: Frente: "Você precisa desmamar".....	26
Figura 13: Camiseta Mãe: Costas: " Parar de produzir leite, para produzir dinheiro".....	27
Figura 14: Camiseta Mãe: Costas: " Parar de produzir leite, para produzir dinheiro".....	27
Figura 15: Camiseta kelly: Frente: "Mas você não trabalha".....	28
Figura 16: Camiseta kelly: Frente: "Mas você não trabalha".....	28
Figura 18: Camiseta kelly: Costas: Atividades realizadas por um mãe.....	29
Figura 19: Camiseta kelly: Costas: Atividades realizadas por um mãe.....	30
Figura 20: Fanzine feminista "Mães Invisíveis".....	31
Figura 21 e 22: Fanzine feminista "Mães Invisíveis".....	32
Figura 23: Tabela de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).....	35
Figura 24: compor CORPOMÃE - Performance Jocarla.....	36
Figura 25 e 26: compor CORPOMÃE - Performance Jocarla.....	37
Figuras 27 e 28: sobre cargas em isolamento - Performance Jocarla.....	37
Figuras 29: sobre cargas em isolamento - Performance Jocarla.....	38
Figura 30 : Dados de 2017 sobre aleitamento materno.....	41
Figura 31: Você está morta, 16x11 cm, bordado sobre impressão em jato de tinta.....	42

Figura 32: CAMPBELL, Jennifer. Milking it, 2016. Print do video. Frame 0'20"	44
Figura 33: CAMPBELL, Jennifer. Milking it, 2016. Print do video. Frame 2'24"	45
Figura 34: Tabela de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).....	47
Figura 35: Convite da Exposição.....	52
Figura 36: Araras com camisetas (em ordem da esquerda para direita, avó, mãe e artista).....	53
Figura 37: Montagem da Exposição.....	53
Figura 38: Montagem da Exposição.....	54
Figura 39: Exposição: Márcia(mãe) frente sua camiseta.....	56
Figura 40: Exposição: Ely (pai).....	56
Figura 41: Exposição: Kauanny.....	57
Figura 42: Exposição: Mãe.....	57
Figura 43: Proporção das araras, Bahia e Ravi.....	58
Figura 44: Exposição: Visitantes.....	59

SUMÁRIO

(G)ESTAR.....	12
1. AMA(R)MENTAR.....	14
2. PARIR: Um relato entre a vida e a arte.....	18
3. CORDÃO UMBILICAL: Diálogo com artistas.....	33
3.1 Mas ela é prendada?.....	35
3.2 Você precisa desmamar.....	40
3.3 Mas você não trabalha.....	47
4. MÃ(E)TERNIDADE.....	53
CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

GESTAR

MÃ(E)TERNIDADE, mistura de mãe e eternidade. Segundo o dicionário online de português-DICIO (2021), mãe significa “Aquela que criou uma ou mais crianças, embora não tenha relação biológica com ela”, e eternidade significa “Duração que não tem começo nem fim”. MÃ(E)TERNIDADE, tem a intenção de ser um projeto longo, onde pretendo desdobrar em cada trabalho um tema acerca da minha maternidade. O que mostro aqui é o início desta jornada, podendo servir de apoio e fortalecimento de outras mães, para que possamos estar conectadas, criando, fortalecendo e servindo de rede de apoio uma para outra.

Para a execução desta pesquisa, trago como discussão a invisibilização da maternidade, e como elas são passadas de geração para geração fazendo diálogos com outras artistas mulheres, mães que utilizem ou não da linguagem do bordado, investigando a abordagem deste tema por essas artistas contemporâneas.

Esta pesquisa nasce no dia dezoito de julho, de dois mil e vinte, às 18:53, no hospital de clínicas da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, após quinze horas de trabalho de parto, pesando 3,400kg, cheio de sensações indescritíveis, da experiência mais insana que já vivenciei, ali com meu filho Ravi nos braços pude sentir que alguma coisa em mim mudou, e que a partir dali eu não seria mais a mesma pessoa, nem a mesma artista, agora eu era mãe.

Figura 1: Pós parto imediato: acervo pessoal



Foto: Luiz Otávio

Foi em minhas feridas e angústias vividas enquanto mulher, mãe e artista que sustentei o anseio de aprofundar e pesquisar sobre maternidade. Tentando compreender meu lugar enquanto mulher e mãe em uma sociedade patriarcal, e meu lugar enquanto artista, sendo resistência no âmbito acadêmico e artístico, por se tratar de uma produção feminina, utilizando da linguagem do bordado, ressignificando sua produção e seu espaço na arte contemporânea.

Produzir esta pesquisa foi um desabafo, refúgio e respiro de uma artista-mãe, que vira noites em claro, cansada, sem rede de apoio, a maternidade é única, cada mulher gesta, materna de maneiras diferentes, mas a invisibilização é a mesma, sendo recebida por cada mulher de maneira diferente, desde o mais sutil comentário, até o mais impositivo, no geral.

O ponto de partida para a construção da obra foi pensar acerca da invisibilização das “feridas” na maternidade, e como elas são passadas de geração para geração, fazendo diálogos com outras artistas mulheres, mães que utilizem ou não a mesma linguagem, e investigar a abordagem deste tema por essas artistas contemporâneas, assim no capítulo AMA(R)MENTAR, faço essa breve introdução.

No capítulo PARIR, traço um relato entre a vida e a arte, onde conto um pouco sobre minhas experiências vividas no pós parto, e como esse processo foi fundamental na escolha e no desdobramento desta pesquisa.

Continuando o trabalho, destaco o capítulo Cordão Umbilical. Segundo o dicionário, Cordão umbilical significa “que liga o feto à placenta e lhe assegura a nutrição”, o capítulo Cordão Umbilical dessa pesquisa trata da ligação com outras artistas mães, que indiretamente estão conectadas umas às outras, junto a um breve relato da história de cada uma das mulheres representadas neste trabalho, legitimando assim sua história e seu lugar enquanto mulher e mãe.

Na última parte deste projeto descrevo a exposição MÃ(E)TERNIDADE. Concretização de sentimentos acumulados ao longos desses anos, de novas experiências, fruto daquilo que gastei por anos sozinha, agora torna público, de todos, assim neste capítulo mostro meu trabalho prático.

Aqui encerro este trabalho, mas não meu projeto, mães nunca deixaram de ser mães, é para sempre, é MÃ(E)TERNIDADE.

1. AMA(R)MENTAR

AMA(R)MENTAR, mistura de amar e amamentar. Segundo o DICIO (2021), amar significa “Possuir e demonstrar afeição por algo ou por alguém”, e amamentar significa “Alimentar, nutrir, sustentar”, momento da maternidade que o significado de amar se torna físico, enfrentando as diversas noites em claro, às lágrimas, cansada somente eu a cria e os mamilos feridos, devido a amamentação.

Começo este capítulo alimentando esta pesquisa, que assim como o período inicial da amamentação, não foi fácil, então aqui ama(r)mentar transborda, assim como o leite que jorra dos seios da mãe.

Início revisitando o passado, buscando minhas origens, visitando minha ligação com o bordado e como isso faz relação com a produção deste trabalho hoje, aproveitando para fazer breve resumo da história do bordado/arte têxtil e artesanato.

Como bem apontaram em seus trabalhos de conclusão de curso, Thalita Ellen¹ e Lorena Rosa², no período da revolução industrial onde os artesãos se viram tomados pelo avanço das máquinas, da produção em larga escala, da ida dos homens para as fábricas (aqui cabe pontuar que nesse momento as mulheres foram excluídas dos trabalhos nas fábricas, por serem consideradas frágeis). Essas mulheres agora ganham uma nova função, ser “dona de casa”, cuidar do lar, das crianças, da harmonia familiar, e aqui aparece o bordado, como função decorativa, função essa designada também a mulher. Assim, essa prática foi atravessando gerações, sendo passadas de mãe para filha, como uma tarefa aprendida em sua grande maioria pelas meninas.

Nas academias de artes não foi diferente, a separação de gênero se manteve firme, aqui em sua separação dos produtores das artes consideradas “artes puras” e dos produtores das artes consideradas “artes menores” no caso a arte têxtil. Ana Paula Cavalcante Simioni fala em seu texto³ “(...) a escola reitera uma tradição

¹ PAULA, Thalita Ellen Freitas de. “Torna-te quem tu és”: o bordado como potência para o empoderamento da mulher, em interface com a pintura e outras linguagens. 2018. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

² ROSA, Lorena de Souza. Bordado e Resistência: A prática tradicional como potência para a autonomia feminina. 2019. 55 f. Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019

³ SIMIONI, A. P. C. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan.

histórica, a da associação entre os meios têxteis, as práticas artesanais, a mão-de-obra feminina e um trabalho mais alienado do que propriamente inventivo.” (SIMIONI, 2010, p.07).

A autora⁴ em seu artigo “Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil”, usa o exemplo da invisibilização sofrida pela artista Regina Gomide Graz para tentar entender a exclusão desta linguagem nas artes visuais. A autora relata que apesar da artista ser grande referência das artes têxtil no Brasil, teve seu trabalho muitas vezes minimizado naquela época apenas por seu gênero, por produzir obras consideradas “decorativas” principalmente por se tratar de arte têxtil. As obras eram vistas como sendo produções pouco interessantes, principalmente se feita por mulher, pois a mesma não teria capacidade intelectual para execução de tal, já um homem sim.

Segundo Simioni (2007), desde a revolução industrial, foi designado às mulheres a função de produzir artesanato, tapete, bordados, etc, ao longo dos anos, essas tarefas foram sendo cada vez mais sendo associadas a produção feminina, após a inclusão de mulheres nas academias de arte, foi dado a ela oportunidade de cursar essas disciplinas, ateliês de bordado, arte têxtil, enquanto homens frequentavam aulas de desenhos, pinturas, modelo vivo, que são considerados na época “arte pura”.

Outro estigma que pairava sobre as artes aplicadas era o de serem dominadas pelo trabalho feminino. Novamente, o fato de terem sido as mulheres excluídas das academias – e, portanto, do acesso ao modelo vivo – foi determinante, pois em sua maioria elas só estavam aptas a realizar os chamados gêneros “menores”: os retratos, as miniaturas, as pinturas em porcelana, as pinturas decorativas (vãos, esmaltes etc.), as aquarelas, as naturezas-mortas e, finalmente, toda a sorte de artes aplicadas, particularmente às tapeçarias e bordados. Tais modalidades foram sendo, aos poucos, feminilizadas, isto é, as obras consideradas inferiores tornaram-se imediatamente vinculadas às práticas artísticas de mulheres. (SIMIONI, 2007, p.94)

Minha relação com o bordado é uma herança, de quem herdou da mãe, que herdou da sua mãe, que herdou da mãe dela: é uma tradição. Não só o bordado foi herdado, assim como diversas outras artes têxteis, como crochê, confecção de tapetes de tiras e costura.

⁴ SIMIONI, A. P. C. Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil. Cidade: Editora, 2007.

Mesmo tendo aprendido cedo a bordar, deixei de lado esse lugar, por muitas vezes me sentir colocada em um espaço de fragilidade, por se tratar de uma técnica delicada e por estar exercendo uma tarefa “exclusivamente” feminina, principalmente pensando em toda sua história de opressão. Retomo com a produção dessa linguagem do bordado juntamente com a maternidade, quando retorno às raízes, das mulheres que vieram antes de mim, entendendo agora o bordado como produção artística, e não só um produto de artesanato.

Não escolhi esse tema, nem ele me escolheu. Eu vivo ele, sofro ele, grito ele, mastigo ele e engulo seco. Como foi dito por Marilu Dumond, no texto “Bordado à mão: O nobre caminho de um ofício atemporal”:

(...) as **mãos bordadeiras**, em qualquer tempo e lugar, sempre têm algo a dizer. Com arte e beleza, o **artista que borda** fala do cotidiano, do mundo em geral, afirma identidade, revela pensamentos, ideologias e, acima de tudo, expressa carinho e afeto em cada detalhe bordado.⁵ (DUMOND, 2018)

Hoje o bordado faz parte de quem sou, da minha essência enquanto artista, mãe e mulher, é no bordado onde sinto segurança de expressar meus gritos e minhas dores, sendo assim escolhi o bordado para ser também objeto de pesquisa e de trabalho.

Na proposta do projeto MÃ(E)TERNIDADE INVISÍVEL, o bordado não se trata apenas de linha e tecido, ele atravessa as barreiras do suporte, deixando a convencionalidade de lado e se alimenta da experimentação. Aqui a linha não apenas atravessa o tecido, mas fura, fere o tecido, deixando marcas, caminhos, tornando palpável, visível e material, as dores, os sentimentos antes invisíveis agora ganham espaço, em sua tridimensionalidade através do bordado.

Na live “Invisibilidade materna e a Raiva” proposta por Melissa Yamamoto (2022) realizada entre as artistas e mães: Monique Motta, Malu Teodoro e Tereza Raquel foram levantados vários pontos interessantes, dentre eles cito um que é um ponto também de extrema importância para a realização deste trabalho, que é falar.

O falar aqui, é romper a bolha que muitas vezes criamos, por ser um espaço seguro e acolhedor, de outras mulheres, artistas e mães, e expandir levando esse assunto para outras esferas, para outros lugares, outros públicos, tornar mais

⁵ DUMONT, Marilu. Bordado à mão: O nobre caminho de um ofício atemporal, Blog Matizes Dumont. 2018.

evidente o que já é. A trajetória das mulheres na história da arte também cobra essa conversa e esse debate, Simioni (2007) traça reflexões interessantes sobre esse apagamento de certa forma das mulheres na história da arte, usando o caso da artista Regina Gomide Graz como exemplo, e no final ela tem uma fala que diz muito sobre minha reflexão sobre a quebra da bolha.

A trajetória de Regina Graz é indicativa do quanto a história social da arte precisa proceder à crítica das suas próprias categorias e juízos analíticos caso proponha-se a compreender a produção das artistas mulheres e as razões dos juízos e percepções que às relegam a posições secundárias. (SIMIONI, 2007, p.106)

Aqui falo por meio das linhas, do tecido, dos textos, da construção da pesquisa, falo para outras mães, e principalmente para outras pessoas, para que elas possam enxergar às mães em sua totalidade, e não apenas o modelo imposto de mãe que é paciente, que tudo conforta e aceita. Não! Somos mais, somos mulheres como subjetividades, individualidades, com sentimentos, com traumas, com vontades, somos mães.

2. PARIR: Um relato entre a vida e a arte

Segundo o DICIO, parir significa “expelir pelo útero o que estava no seu interior”, assim como essa produção parte de mim, ela deixa de ser minha e agora se torna do mundo.

Vivenciei o início do maternar em meio a pandemia mundial de Covid19⁶, durante os 5 últimos meses de gestação, e o primeiro ano de vida do Ravi, estivemos fechados em casa, 24 horas por dia, 7 dias da semana, apenas nós 3, cada qual de braços e mãos dadas com o cansaço, a sobrecarga e o medo de contrair covid19. Os primeiros meses: CAOS

Aqui a invisibilidade já se fazia minha companheira, adaptação à nova rotina, amamentação, rede de apoio inexistente, auge da pandemia, isolamento social, se tornaram uma grande teia de emoções e sentimentos, neste momento estive muitas vezes sozinha madrugando a dentro, fechada no quarto, embalando o Ravi nos braços em meio as lágrimas de cansaço, de dor, de frustração, de os mamilos feridos e de ter que engolir tudo seco, e alimentar a cria. Noites incontáveis em claro com a cria chorando, grudada no peito a noite toda para confortar algum desconforto, no outro dia de manhã já de pé para dar conta da demanda doméstica, a hora da amamentação era um terror, só de sentir que a hora de amamentar estava perto, a vontade era de desaparecer.

Ouvi críticas disfarçadas de comentários inofensivos: “Você tem cara de que vai dar muito leite”, “você não pode acordar ele não, ele trabalha deve estar cansado”, “Faz assim, na minha época era assim”, “ Você não pode comer isso, faz mal pro bebê”.

Ao final desse período acumulo coisas; sono, cansaço, estresse, tarefas, palpites, e questionamentos: quem me vê além do meu companheiro? Quem vê a mãe? A mãe é importante para quem? Para quem importa a mãe?

Aqui sou realmente mais uma, como várias artistas mulheres na história das artes citadas por Rosa (2019), Talita (2018), e SIMIONI (2007). Apagada, invisível. Quantas vezes pensei em desistir, mas essa opção não existe para as mães.

Do sexto ao décimo segundo mês: CANSAÇO

⁶ A doença do coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. World Health Organization. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1>

Seis meses já se passaram, como muitos me disseram “fica tranquila, logo passa”, os dias parecem intermináveis, e as noites são eternas, agora a amamentação já acontece de maneira um pouco mais confortável, mas a cria aprendeu a usar o peito de chupeta a noite, o que significa, continuo virando noites acordadas, lidando com uma demanda ainda alta de amamentação, agora a cria já se alimenta também de comida, seria muito bom, se não fosse pelo fato de que agora cozinhar demanda horas, fazer corte seguro na comida, gastar 1 hora ou mais para alimentar a cria por refeição, depois limpar a sujeira de comida que voou pela sala toda, lidar com a demanda doméstica que agora aumentou: mais fraldas, mais roupas, mais comida, mais sono, mais exaustão.

Aqui transitei à beira de colapsos nervosos, tentando conciliar a graduação com a cria, e o restante das tarefas, não deu certo, abandonei a única disciplina que estava cursando por não ter tempo. “Mas tempo é você quem faz”, exceto para as mães, o tempo da mãe é a cria faz, ou qualquer outra pessoa, menos ela própria.

Lido com vários embates, tento ter uma vida pessoal, “mas mãe pode ter vida pessoal? A vida agora não é a cria?” são questionamentos constantes, nesse período podemos acrescentar a culpa, como sentimento constante. Tudo gira em torno da culpa, de não ser suficiente, de não ser uma boa mãe, de não trabalhar, de tudo a mãe se sente culpada. Ainda estamos em pandemia isolados em casa, o Ravi não conhece o mundo lá fora, conhece quase nada, estamos em casa o dia todo, 24 horas por dia, de segunda a segunda: eu, ele e o pai isolados em casa.

Aqui entendi que são ciclos, morre o dia, nasce o dia, e a mãe ainda está cansada, exausta, com sono, e sempre vai estar, pois é um ciclo que você lida sozinha, em casa, cansada, isolada, INVISÍVEL, assim como vai apontar este projeto artístico.

Do décimo segundo até o presente: Invisível

É onde me encontro agora, novamente virando noites em claro, desta vez não com a cria pendurada no peito, tomo o lugar da cria, pendurada ao computador, alimentando esta pesquisa, que ao mesmo tempo suga disposição e energia, que na maioria das vezes já não me habita mais. A demanda diária não para, é constante e feroz, agora a cria tem uma demanda de atenção gigantesca, nem eu nem o pai conseguimos suprir, cada vez mais me vejo no meu íntimo, fechada, guardada, como modo de proteção.

A cria cansada, a mãe cuida. A cria doente, a mãe cuida. Quem cuida da mãe?

Esse projeto se torna cada vez mais uma visita íntima, de dizer quem sou, o que sou, quem quero ser, o que estou sendo. Mas também pensando além da minha maternidade, resgatando a maternidade das mulheres que vieram antes de mim, das mães que fizeram um pouquinho da mãe que sou.

No meio deste turbilhão de acontecimentos comecei a pensar no projeto artístico, que envolvesse minha subjetividade como mãe e buscasse também entender as maternidades de mulheres de diferentes gerações. O primeiro passo foi elencar quais seriam as mulheres que eu usaria de fonte para este projeto, então escolhi aquelas mais próximas: Maria (avó), Márcia (mãe), Ana (irmã) e eu.

Feito isso, comecei a pensar no maternar de cada uma dessas mulheres, resgatando memórias, viver esta parte do projeto foi algo bem afetivo, resgatando memórias e momentos de cada mulher em seu íntimo. Anotando suas falas, e frases que ouviram enquanto maternavam:

Figura 2: Registro de processo

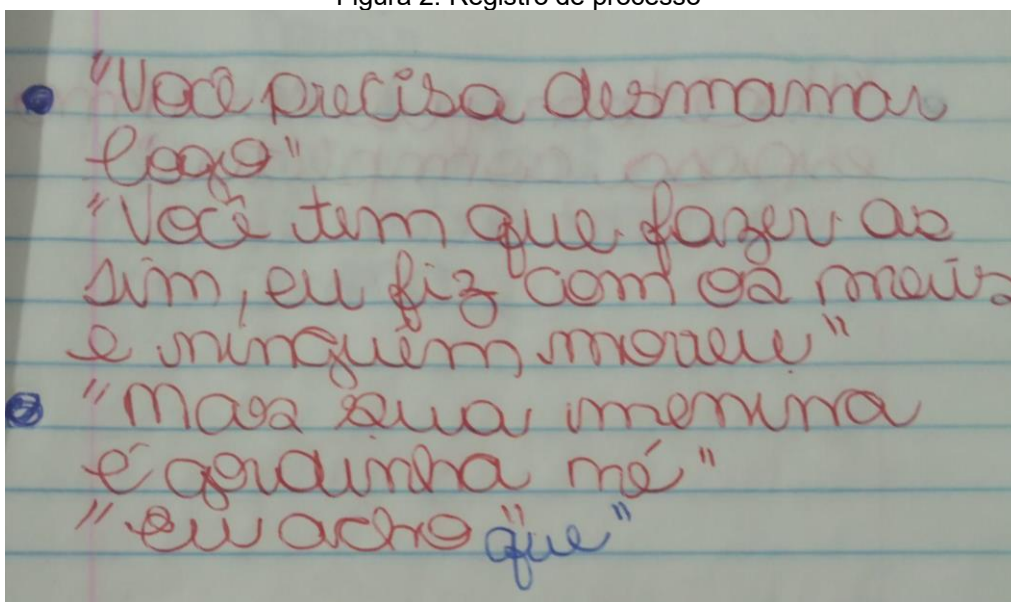


Foto: Acervo pessoal

Figura 3: Registro de processo

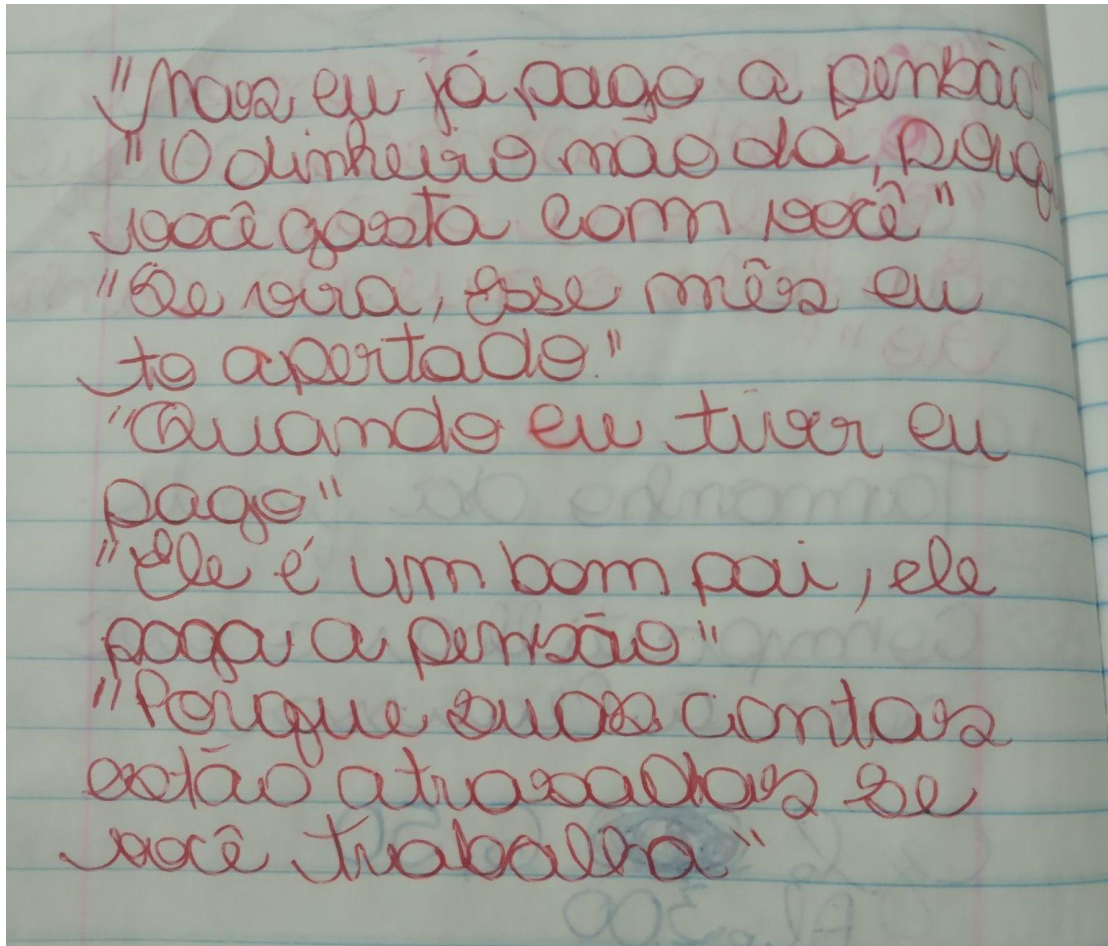


Foto: Acervo pessoal

Com as frases em mãos comecei a pensar sobre o bordado, como um resgate deste fazer geralmente ligado ao feminino, mas apresentando letras e dizeres complexos. O próximo problema enfrentado foi o suporte. Não me satisfazia a idéia do bordado tradicional com bastidor, não condizia com a proposta. Pensando na invisibilização que parte de outras pessoas, eu, assim como outras mães vestimos essa invisibilização, como uma camiseta. Não se trata de um suporte convencional de bordado, pelo contrário, a camiseta se apresenta como algo que não é do seu corpo mas que é incorporado a ele, e começa a fazer parte. Assim como ela pode expressar estilo e personalidade de uma pessoa, aqui ela expressa as dores e o que não é visível, e agora ganha vida.

Cada mulher neste projeto tem sua camiseta, comecei com quatro mulheres, mas no final somente três compuseram o trabalho final, minha avó, minha mãe e eu. Foram resgatadas histórias e intimidades, reafirmando sua identidade, seu espaço, seu materno, por mais que as mulheres aqui representadas possuam laços afetivos,

familiares, cada mulher tem sua própria história, é importante que cada uma tenha seu espaço de fala, de poder mostrar suas dores.

Cada mulher teve sua história resumida em frases, essas divididas em: frases de invisibilização coletadas em meus cadernos de anotações, e frases/textos de tudo aquilo que as pessoas não veem, mas que são vividas pelas mães. Na parte da frente de todas as camisetas, foram bordadas as frases de invisibilização, usando um tom diferente da cor da camiseta, a seguir explico melhor o esquema das cores. Na parte das costas da camiseta, foram bordadas as frases do que não é visto da mesma cor que o tecido, do que a mulher passa em seu íntimo.

Durante o processo de criação, abandonei a camiseta que seria da Ana Laura, minha irmã, pois não conseguimos chegar a algo que expressasse a invisibilização sofrida por ela, de nos colocar nesse lugar, e ficamos apenas com as demais camisetas. O próximo passo, coloquei no papel todas essas memórias, para conseguir visualizar e organizar melhor todas as anotações e relatos. Foi necessário resumir e editar os textos originais anotados, ressaltando e apontando a invisibilização de cada uma das personagens, começando por Maria (avó), depois Márcia (mãe) até minha própria história, assim chegamos aos resultados das frases da parte da frente da camiseta, e dos textos da parte das costas. A análise e descrição das camisetas será melhor realizada no próximo capítulo.

Depois de concluída esta etapa, partimos para o teste de cores das camisetas e linhas, e teste de fonte para a confecção das camisetas. Elencamos duas opções, a primeira seria fundo preto, com escrita da frente em branco e das costas em preto, e a segunda opção seria fundo branco, com escrita da parte frontal em preto e das costas em branco. Como queríamos trabalhar com a ideia do invisível na parte de trás da camiseta, mas sem perder demais na composição do trabalho, fizemos a opção pela composição de fundo branco.

Figura 4: Teste e escolha de cor de linhas e camisetas: Fundo preto e linha branca

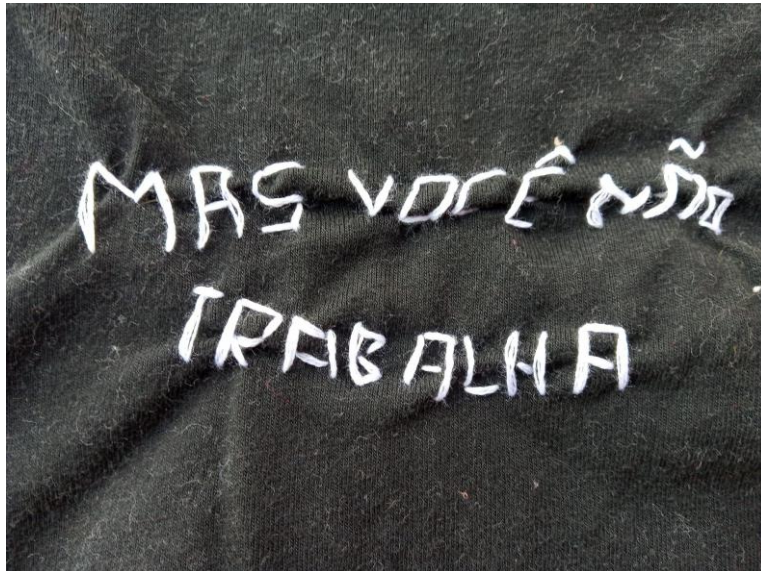


Foto: Acervo pessoal

Figura 5: Teste e escolha de cor de linhas e camisetas: Fundo preto e linha preta



Foto: Acervo pessoal

Sobre as linhas, fiz teste com fios de meada dobrados e com fio de novelinho. Na figura 6 o bordado foi feito com dois fios de meada dobrados e na figura 7 foi com fio de novelinho. Após os testes, optamos por usar a linha de novelinho, por ser uma linha mais resistente e estruturada do que os fios de meada.

Figura 6: Teste e escolha de cor de linhas e camisetas: Fundo branco e linha preta

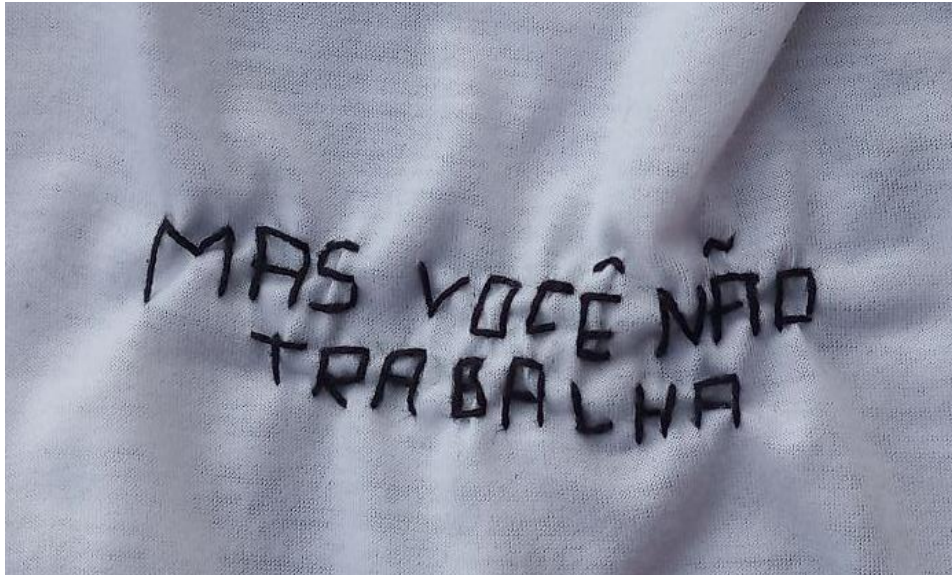


Foto: Acervo pessoal

Figura 7: Teste e escolha de cor de linhas e camisetas: Fundo branco e linha branca

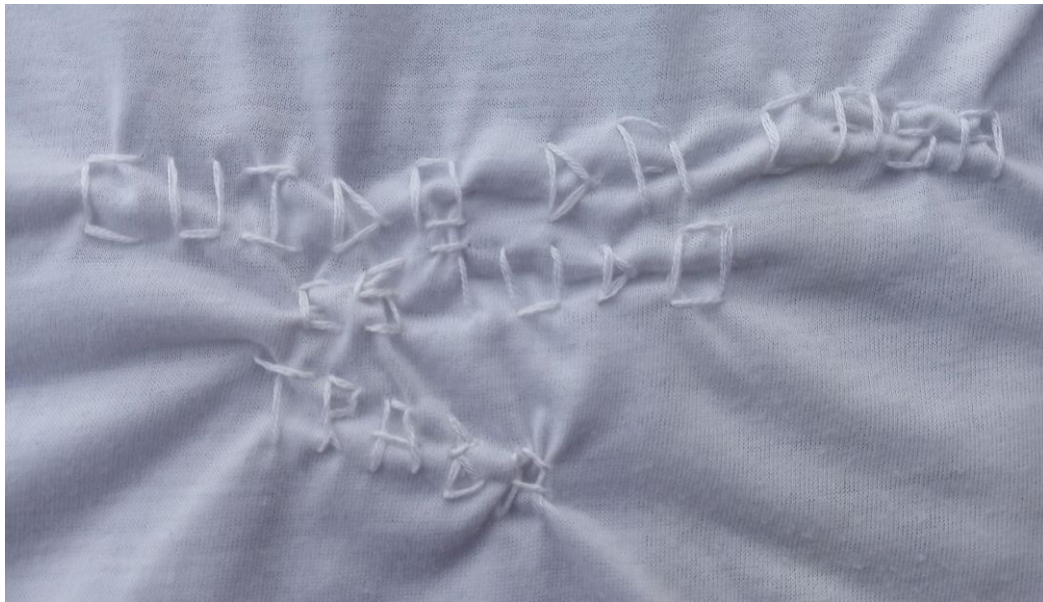


Foto: Acervo pessoal

Aqui podemos ver miudezas do trabalho, como este pequeno detalhe muito rico em significados, que é o enrugado no bordado, ele revela a espontaneidade dos movimentos ao realizar cada ponto, do ato de perfurar o tecido com a linha e agulha. Deixar o tecido com aspecto enrugado foi proposital, estamos falando sobre invisibilização, dores, machucados, feridas. Aqui esse enrugado se torna um ferida, um machucado, uma cicatriz, algo que está em processo de cicatrização, de um movimento, que ainda está acontecendo, que não foi finalizado.

E assim finalmente partimos para a confecção das camisetas, após meses e várias noites viradas as camisetas ganharam vida.

Figura 8: Camiseta Avó: Frente: “Mas ela é prendada?”

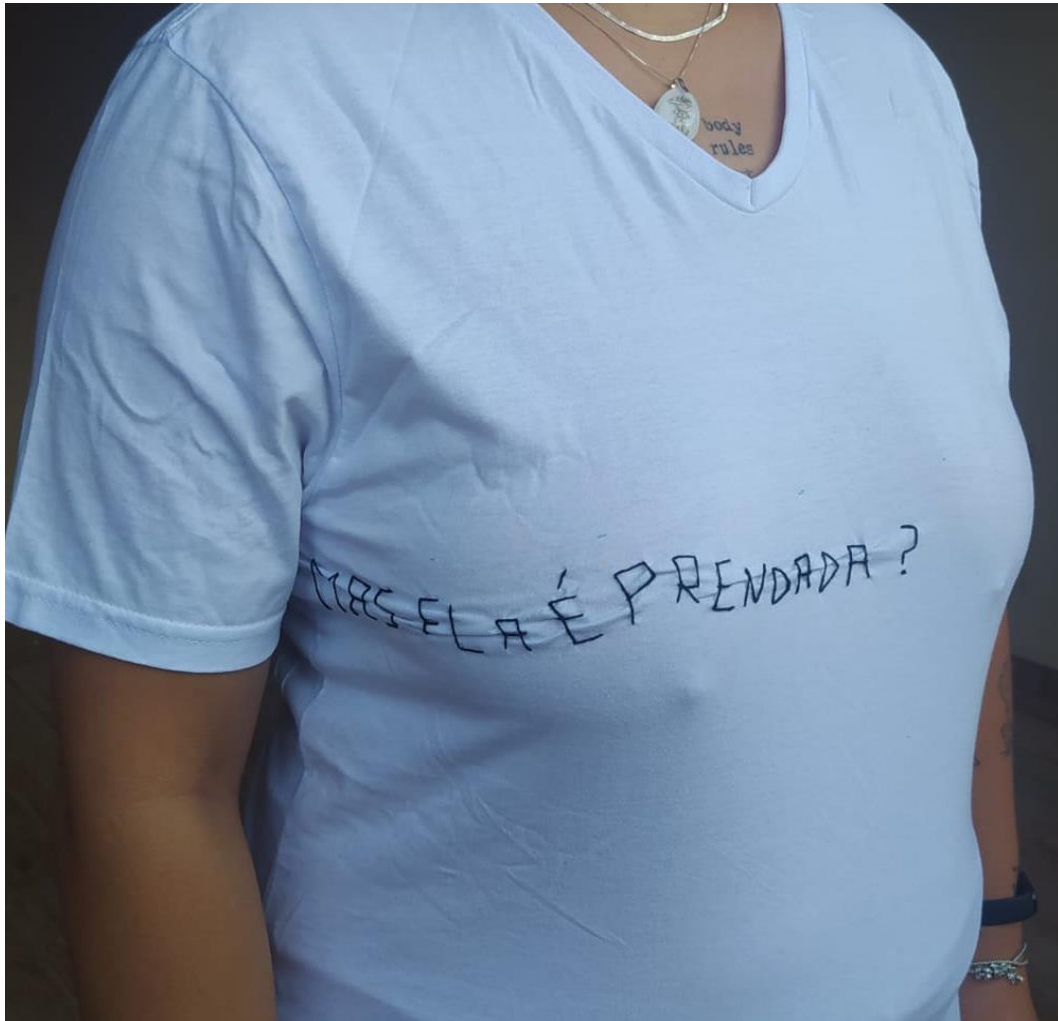


Foto: Acervo pessoal

Figura 9: Camiseta Avó: Costas: “ Sua comida eu aprendo, minhas raízes eu conheço, ele é prendado?”



Foto: Acervo pessoal

Figura 10: Camiseta Avó: Costas: “ Sua comida eu aprendo, minhas raízes eu conheço, ele é prendado?”



Foto: Acervo pessoal

Figura 11: Camiseta Mãe: Frente: “Você precisa desmamar”



Foto: Acervo pessoal

Figura 12: Camiseta Mãe: Frente: “Você precisa desmamar”



Foto: Acervo pessoal

Figura 13: Camiseta Mãe: Costas: “ Parar de produzir leite, para produzir dinheiro”



Foto: Acervo pessoal

Figura 14: Camiseta Mãe: Costas: “ Parar de produzir leite, para produzir dinheiro”



Foto: Acervo pessoal

Figura 15: Camiseta kelly: Frente: "Mas você não trabalha"

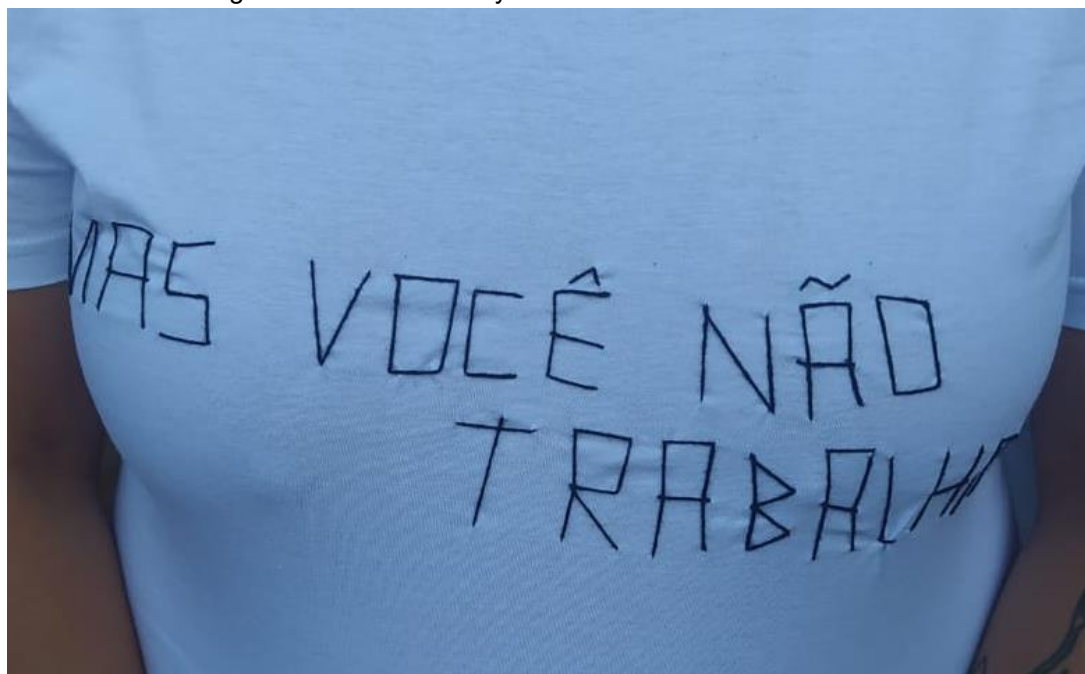


Foto: Acervo pessoal

Figura 16: Camiseta kelly: Frente: "Mas você não trabalha"

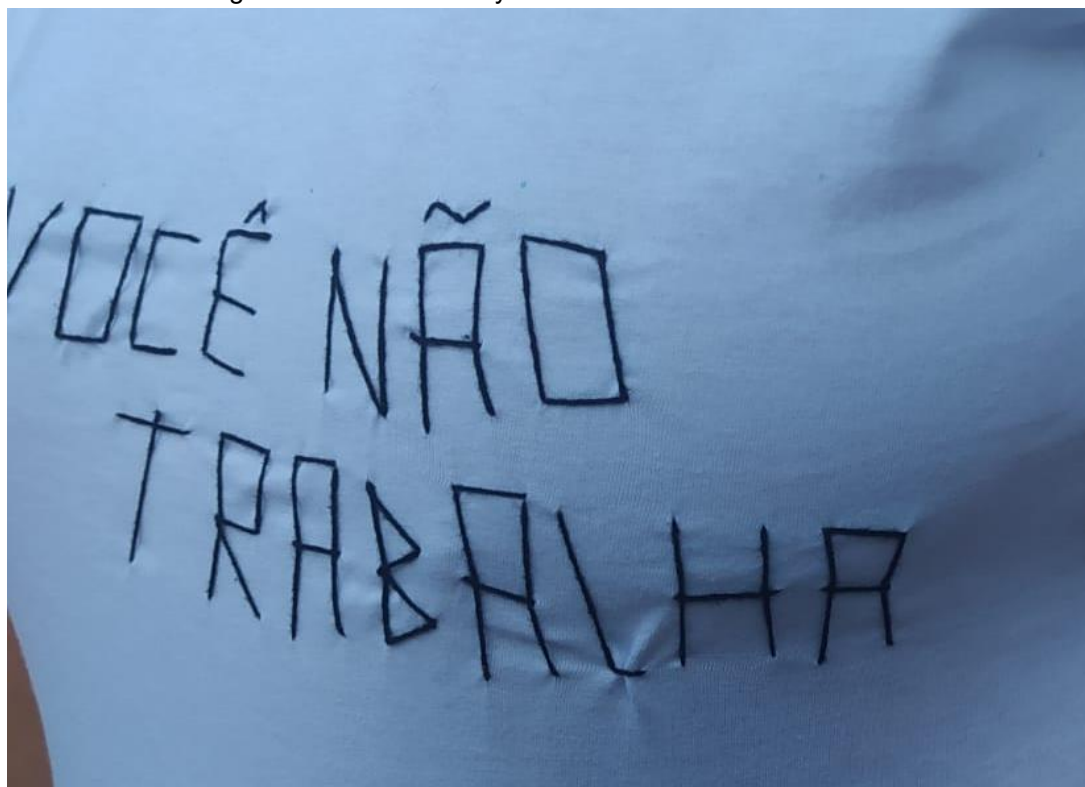


Foto: Acervo pessoal

Figura 18: Camiseta kelly: Costas: Atividades realizadas por um mãe



Foto: Acervo pessoal

Figura 19: Camiseta kelly: Costas: Atividades realizadas por um mãe

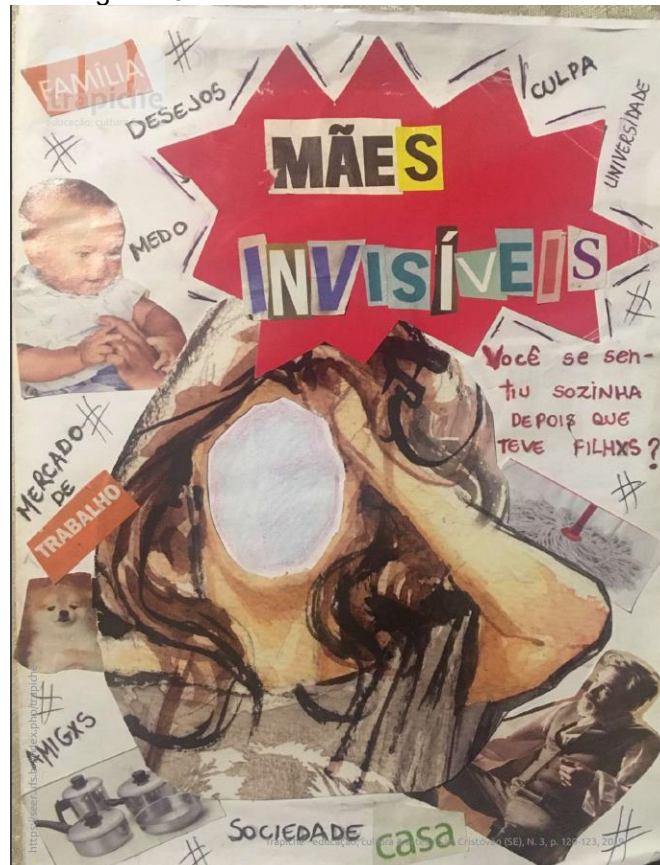


Foto: Acervo pessoal

3.CORDÃO UMBILICAL: Diálogo com artistas

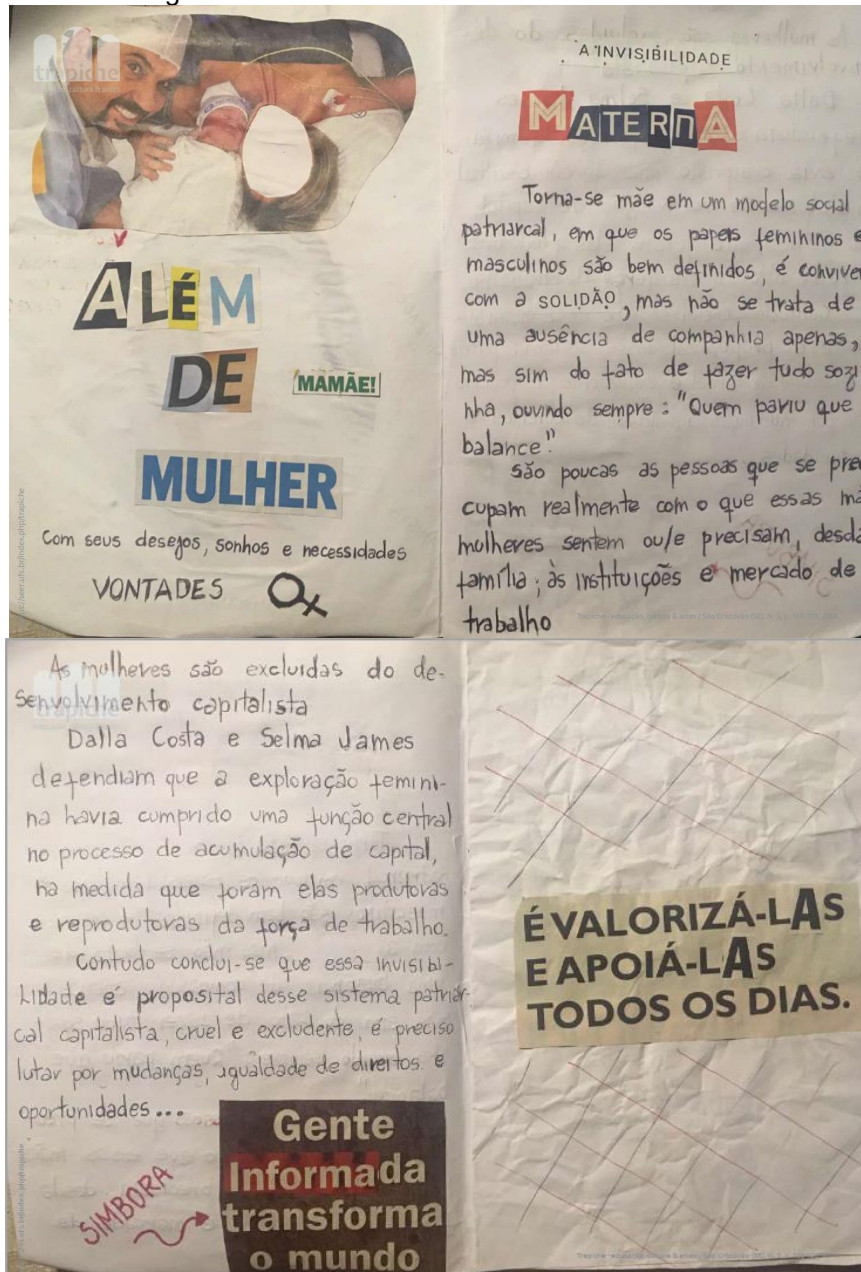
A artista de pseudônimo Bruxxa produz um zine, como atividade preparatória do I Seminário Arte, Maternagem e Feminismos, nele ela ilustra de maneira muito didática e assertiva sobre vários pontos que trabalho em minha produção artística:

Figura 20: Fanzine feminista “Mães Invisíveis”



Fonte: BRUXXA, Fanzine feminista “Mães Invisíveis”. Revista Trapiche: educação, cultura & artes, 2019.

Figura 21 e 22: Fanzine feminista “Mães Invisíveis”



Fonte: BRUXXA, Fanzine feminista “Mães Invisíveis”. Revista Trapiche: educação, cultura & artes, 2019.

É aqui nessa pesquisa que me descubro mãe artista, é encontrando e dialogando com outras mulheres com angústias próximas que nasce da minha produção, da minha vivência, e da vivência de outras mulheres que vieram antes de mim, das mulheres da minha família, das mulheres mães que fizeram parte da construção da minha história e da minha maternidade. Nos próximos itens deste capítulo vou entrar na construção de cada uma das camisetas realizadas para esta série de trabalhos.

3.1 Mas ela é prendada?

Como esta pesquisa explora a história das maternidades em minha vida, começo por minha primeira referência, minha avó. Como estratégia de pesquisa elaborei um texto narrativo sobre sua história:

Amava uma limpeza, tanto quanto amo. Vô Maria era o coração da família, a pessoa que conectava todos. Almoço no domingo era na casa dela, aí de quem não fosse, as funções sempre bem definidas: às crianças pequenas cabia às brincadeiras, às meninas maiores cabia ajudar na cozinha, quanto aos meninos, cabia a brincadeira. Já a divisão dos adultos ficava da seguinte maneira: as mulheres ajudavam na cozinha, e os homens ajudavam assistindo Tv, e Vô Maria que gerenciava todo mundo, ela era responsável pelo preparo dos pratos, divisão de compras, e afins.

Vô Maria ensinou tudo que minha mãe, e minha tia sabem e tudo que meu tio sabia. Com ela não tinha muito tempo ruim não, "mas também né Maria, mãe não dá tempo de ficar ruim".

Maria sempre teve muitas histórias para contar: como seu casamento não foi bem aceito pela família de italianos rica do meu Avô, de como seu sogro expulsou eles de casa com uma criança pequena, de como ela precisou trabalhar nas colheitas de café, levando as crias junto porque não tinha com quem deixar.

Assim Maria viveu sua vida, a vida de muitas Marias, mulheres, que enfrentaram muitos desafios em suas épocas.

Maria, pariu quatro, um veio a óbito, os outros três, um menino e duas meninas, parto normal, em casa, com ajuda da sua mãe. Maria, mulher do lar, cuidava das suas crias, das crias dos animais da fazenda e das crias dos outros. Maria sabia fazer de tudo, claro, precisava, "mulher boa, era mulher prendada", a ela também coube a função de educar, além das diversas outras funções incumbidas a Maria, "mas tá tudo bem, mulher faz tudo por amor".

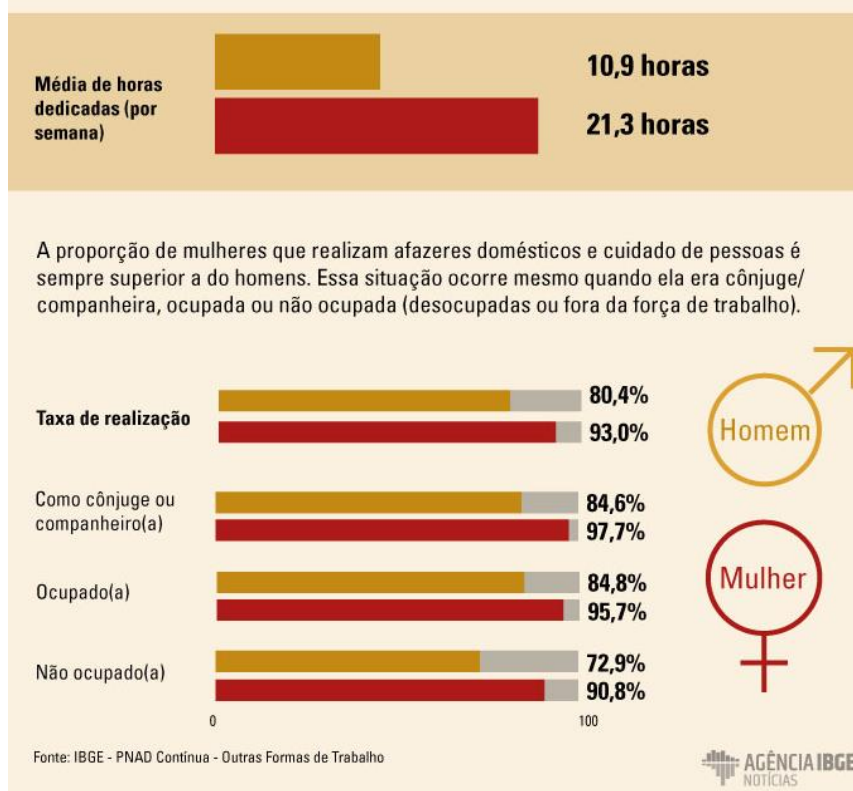
Maria sempre teve muito a dizer, faladeira, gostava de papear, mulher cheia de opiniões, independente. Vô Maria, conhecida na cidade inteira, Dona Maria, costureira de mão cheia, passava horas e horas no quartinho de costura, fazendo roupas, remendando, inventando moda, literalmente. Vô Maria não só costurava, fazia tapete, crochê, bordava, não tinha o que ela não aprendia, gostava de aprender, não aprendia mais por tempo, imagina, casa, netos, família, costura, bordados, tapetes, tudo para dar conta, mas teve que dar né Maria, "é por amor".

O dia do pão era sagrado, acordar, preparar tudo, cilindrar a massa, enrolar, colocar aquele tanto de pão para crescer, o cheiro indescritível de pão assando, "vem tomar café", era sinônimo de comer pão quentinho, chegava derreter a margarina.

Escolhi trazer a realidade que ela e a maioria das mulheres da sua época enfrentavam, o excesso de funções a elas atribuídas, e como isso era visto com bons olhos, fazendo uma associação a mulheres que se faziam corpos úteis em casa. Em meio as histórias contadas, trazia um relato de vida, daquilo que ela vivenciava, das suas dificuldades, do seu cansaço, de sentimentos que nunca foram expostos da devida maneira, pois Maria não podia transparecer sua fragilidade.

Maria, assim como muitas, era mulher forte, mulher guerreira, que tudo aguenta, mas é isso Maria, as tarefas domésticas são impostas as mulheres, infelizmente esse dado chegou depois de você partir, mas essa é a nossa e foi a sua realidade até sua partida. Trago aqui esse dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, para ilustrar o que Maria viveu junto com cerca de 97,7% das mulheres com cônjuge e ou companheiro.

Figura 23: Tabela de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Afazeres domésticos e cuidado de pessoas em 2018

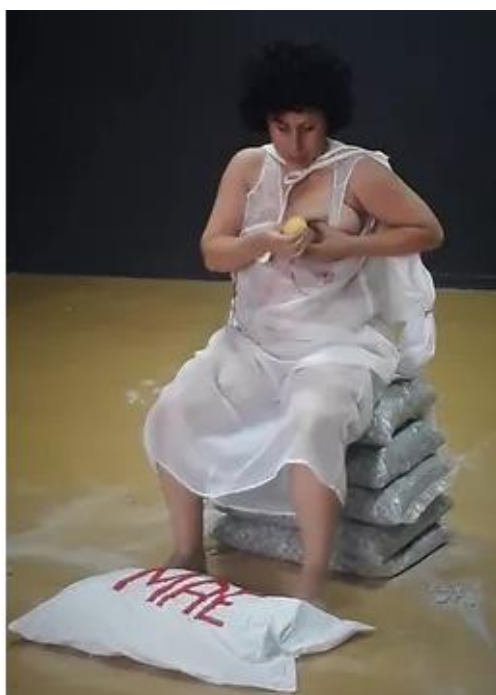


Fonte: Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas> >

Como conexão, aqui cito as performances da artista Jocarla Gomes⁷: compor CORPOMÃE⁸, e a sobre cargas em isolamento⁹, onde a artista também torna visível às angústias maternas, e não só torna visível, como também torna material essas angústias. A Artista se apropria de um objeto tido como confortável (travesseiro), e torna-o algo desconfortável, e neles são bordados palavras: Mãe, Culpa, Raiva, Invisibilidade, Cansaço, Abandono e Medo.

São sentimentos bordados ali naqueles travesseiros, duros, preenchidos com sacos de britas, dói, machuca, é neles que a mãe repousa em sua angústia que não acaba, ela é constante, dia após dia, sem fim.

Figura 24: compor CORPOMÃE - Performance Jocarla.



Fonte: Disponível em: <<https://www.jocarla.com/c%C3%B3pia-m%C3%A3e>>
Acesso em: 07 de março de 2022

⁷ Jocarla, 1985, nasceu em Paulo Afonso - Bahia, foi registrada em Delmiro Gouveia - Alagoas, batizada no Ceará e vive em São Paulo, Brasil. É mãe de gêmeas de 1 ano e 10 meses. Trabalha com performance e poesia visual onde aborda atualmente questões sobre maternidades e as transformações físicas, psicológicas e sociais, além dos desafios dos papéis de Mãe e Profissional diante de nossa sociedade. Como Artista Educadora atua no ensino formal e não-formal nas linguagens de Artes Visuais, Dança, Teatro, Poesia e Meditação. Possui graduação em Artes Visuais e é pós-graduanda em Arte-Terapia pela UNESP.

⁸ GOMES, Jocarla. **Performance "compor CORPOMÃE"**. YouTube, 2021.

⁹ GOMES, Jocarla. **Performance sobre cargas no isolamento**, YouTube, 2021.

Figura 25 e 26: compor CORPOMÃE - Performance Jocarla.



Fonte: Disponível em: <<https://www.jocarla.com/c%C3%B3pia-m%C3%A3e>>
Acesso em: 07 de março de 2022

Em “compor corpomãe”, ela ainda aborda o corpo multi funções, faz várias coisas ao mesmo tempo, e ainda serve de alimento para a cria, não tem tempo de parar, segue sendo um “polvo” vários braços dando conta do mundo.

Quem compõem o corpo mãe? De quem são as linhas, de quem são as agulhas, de quem é a tesoura, de quem é a lâmina que corta 7 camadas de pele? De quem são essas linhas? Se forem linhas bonitas, linhas que consertam, não é da mãe. Se forem linhas de marcas, de lembranças, de traumas, de cicatrizes, essas linhas são da mãe. Quem é que compõe o corpo mãe? Um corpo feito tecido, às vezes frágil, às vezes rasga só de tocar, às vezes forte feito lona, que sustenta por nove meses 2 seres, a pele estica, estica, estica, estica e estoura, e às linhas ficam, demarcando memórias, demarcando histórias, demarcando narrativas, NELA. Quem compõe corpo mãe? (GOMES, 2021)

Figuras 27 e 28: sobre cargas em isolamento - Performance Jocarla.



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ucPJKUPGxjM&t=306s>>

Figuras 29: sobre cargas em isolamento - Performance Jocarla.



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ucPJKUPGxjM&t=306s>>
Acesso em: 07 de março de 2022

Como as performances de Jocarla, Maria foi mil em uma, mesmo cansada teve que dar conta, Maria não teve opções, a camiseta de Maria diz: “Mas ela é prendada”. Isso foi solicitado e visto como valor nesta mulher, a frase aparente na camiseta demonstra uma demanda social e cultural, a mulher que deve oferecer prendas. Nas costas desta camiseta aparece a frase sobre o que não é visto sobre Maria, seu ponto de vista exposto: “Sua comida eu aprendo, minhas raízes eu conheço, ele é prendado?”, apresenta uma cobrança que não é feita, de cobrar aos homens as demandas dos afazeres domésticos, de serem corpos exercendo multi-funções. Não se trata apenas de uma cobrança, mas também de um apagamento das raízes dessas mulheres, de suas ancestralidades, satisfazendo e enriquecendo as raízes culturais do marido. Isso acontece com frequência e nesta camiseta faz bastante sentido quando levamos em consideração as raízes europeias do meu avô, seu esposo, e as de Maria, raízes indígenas, passando assim de geração para geração a cultura européia. Seu dizer invisível transborda sentimentos, como a própria Jocarla apresenta: medo, raiva, abandono, culpa, cansaço e invisibilidade, que acompanham constantemente o materno.

Podemos observar nos trabalhos de Jocarla algo em comum com minha produção, a escolha dos suportes trabalhados, são objetos do cotidiano. No de Jocarla ela escolhe os travesseiros, que são objetos do nosso cotidiano que associamos ao momento de descanso, objetos confortáveis, mas existe uma grande questão, em sua performance a artista preenche esses travesseiros com sacos de brita, tornando

assim algo desconfortável, e incômodo. Na minha produção, utilizo as camisetas, objetos de uso corriqueiro, que transmitem em sua essência a personalidade de um pessoa, também usado para cobrir o corpo, sendo algo geralmente confortável para quem veste, mas aqui em MÃ(E)TERNIDADE INVISÍVEL, estas camisetas ganham uma nova função, a de transmitir incômodos, e ser incômodo. Podemos perceber assim que a maternidade está no mundado, principalmente quando relacionado a objetos do dia, que fazem parte da rotina doméstica da mulher mãe. Aqui ambas trouxeram objetos relacionados a conforto, aconchego, e transformaram sua finalidade, tornando ambos objetos em algo desconfortável e incômodo.

A cor branca é utilizada em ambos os suportes, transmitindo um ar calmo, tal qual um alívio cômico, onde ambas tratam de assuntos de dor mas utilizam esse suporte de cor clara, como se a dor partisse e estivesse presente em momentos de calma.

3.2 Você precisa desmamar.

Continuando a explorar as histórias maternas de minha família trago aqui uma outra personagem que deu origem a camiseta “Você precisa desmamar”, ela é minha mãe e chama-se Márcia. Sua história pode ser narrada assim:

Márcia filha do meio, pariu duas meninas, ambas cesariana, a primeira bolsa rompida não dava parto disse o médico, mas será? A bebê nasceu com a cabeça levemente achatada pois já estava encaixada para nascer, fato muito curioso. A segunda menina, também cesariana.

Mulher carinhosa, sempre muito prestativa, participativa, maior paixão: bordar. Recordo de sempre a ver com um sorriso no rosto, hoje não é diferente, apenas o rosto que carrega as marcas físicas do cansaço, da falta de auto cuidado, mas com que tempo não é Márcia, o tempo que sobra é para tentar descansar.

Márcia concluiu o ensino médio, talvez sonhasse com um curso superior, mas como, "lugar de mulher grávida é em casa" né Márcia, "as roupas não vão se lavar sozinhas, tem que cuidar das coisas dos bebês".

Sempre bordando alguma toalha, pano, mãe de duas, esposo é trabalhador rural, faz o que dá, sai 5 horas da manhã, chega 18 horas em casa, cansado, trabalha em serviço pesado, mal chega e vai dormir. Márcia também trabalha, "mas e as meninas?", tem Vô Maria, a quem foi incumbida de dar esse apoio a Márcia.

-

Mas como você vai se dar conta?" "Como você vai fazer com as meninas?". Alguém perguntou ao pai? Alguém questiona o pai?, não Márcia, "porque mulher é guerreira e dá conta das tarefas."

Amamentar, é indicado pelos médicos, faz bem a mãe e ao bebê, mas e a mãe que trabalha fora, em uma jornada com grande demanda, sem veículo próprio, não consegue voltar para casa, qual a opção que sobra: desmamar a cria.

Deixar de produzir leite para produzir dinheiro é uma demanda na sociedade capitalista que em que vivemos em sua crescente ganância, que engole direitos básicos, às pessoas mais afetadas são mulheres, principalmente mulheres pretas e pobres. Em 2017, uma matéria de jornal apresentava os dados de uma pesquisa, apontava que apenas um grupo de 23 países no mundo tem uma taxa de amamentação boa, e claro o Brasil não faz parte deste grupo.

Figura 30 : Dados de 2017 sobre aleitamento materno

Apenas 39% dos bebês brasileiros de até 5 meses são alimentados só com leite materno, diz OMS

23 países no mundo superam a taxa de 60% de amamentação exclusiva em crianças menores de 6 meses, segundo a organização. Brasil não está nesse grupo.

Fonte: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/apenas-39-dos-bebes-brasileiros-sao-alimentados-so-com-leite-materno.ghtml> >

Hoje temos leis, incentivos maiores à amamentação, está longe de ser o ideal, mas já estamos caminhando. Sua realidade poderia ter sido diferente, mas infelizmente foi o que deu.

Aqui trago a produção da artista Malu Teodoro¹⁰ com seu trabalho “Você está morta”¹¹, onde a artista aborda o tema da violência dentro da família, e a invisibilização do trabalho materno.

Figura 31: Você está morta, 16x11 cm, bordado sobre impressão em jato de tinta



Fonte: <<https://www.maluteodoro.com/voc%C3%AA-est%C3%A1-morta>>

Ela traz em suas fotografias bordadas as dores de quem vive violências praticadas no âmbito familiar, muito se engana quem pensa que mães sofrem apenas

¹⁰ Nascida e criada em Porto Velho/RO, Malu é artista multimeios e dedica-se principalmente à fotografia, ao vídeo e à escrita. Em 2008 graduou-se em Comunicação em Multimeios pela PUC/SP; em 2010/11 cursou o Seminário de Fotografia Contemporânea no Centro de la Imagen, Mexico DF; em 2016/17 fez a FIA, no c.e.m - centro em movimento, Lisboa/PT, e em 2021 inicia a Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia/MG. Participou de residências como o LABMIS no Museu da Imagem e do Som de São Paulo (2013), Dois de lá, dois de cá na Associação Fotoativa em Belém do Pará (2015) e Artist Residency in Motherhood (2020). Em 2018 foi mãe e desde então seu trabalho tem sido atravessado por questões sobre a maternidade e os feminismos. Em 2021 foi vencedora do 1o. Prêmio de Fotografia do Adalina Instituto. Em 2022 recebe bolsa de desenvolvimento artístico PINA, da Universidade Federal de Uberlândia e recebeu o prêmio-aquisição no 19o. Salão de Artes do Museu de Arte Contemporânea de Jataí/GO. Paralelamente experimenta a gravura, o bordado, a dança, a fotoperformance e produz livros e cadernos.

¹¹ TEODORO, Malu. **Você está morta**, bordado sobre impressão em jato de tinta 2018 - 2021. Trabalho premiado no Prêmio de Fotografia do Adalina Instituto, São Paulo, em 2021 e no Salão de Jataí, Goiás, 2022.

com comentários e violências vindas de pessoas desconhecidas, a violência se faz presente em todos os lugares, até mesmo nos lugares dos quais deveriam oferecer conforto e segurança.

Gostaria de chamar a atenção para a Figura 31, onde a artista traz o tema amamentação. Neste caso o comentário bordado em linha amarela sobre a fotografia foi proferido a ela por seu ex companheiro, mas não é incomum ouvirmos isso de pessoas desconhecidas, na empresa que trabalhamos em forma de pressão.

O contraste escuro e pesado da foto, com uma luz que ilumina sua pele e de sua filha, os cabelos tampando seu rosto, e a frase perfurada na foto, cria uma sensação de paz, ao mesmo tempo de caos, como se ela estivesse bloqueando sua filha dos conflitos de fora, e tornando aquele momento para ambas, um porto seguro, de quem se apoia uma na outra e ganha forças para enfrentar as violências sofridas.

Na obra podemos observar um X que marca a região dos mamilos da artista, dando a entender que é algo proibido, e errado. Existem diversas questões acerca da amamentação, desde o próprio ato de amamentar, até a exposição do corpo da mulher, na concepção de alguma pessoas uma mãe não deve amamentar em espaços públicos, e se a mesma assim fizer, deve se cobrir, tornando constrangedor o momento de alimentação da cria. O corpo da mãe não pertence a ela, é um corpo público, onde pode sofrer interferências de terceiros sem maiores consequências, e tem sido assim durante os anos, podemos pensar nessas atitudes assim como nas performances da artista Marina Abramović¹², onde ela explora os limites do ser humano, onde na sua performance Rhythm 0. (1974), ela explora seu corpo como suporte, dispondo de vários objetos ao público, como uma rosa, pena, uma arma e uma bala, diferente de Marina o corpo materno alimentando a cria não é um suporte, não é público, não diz respeito a ninguém mais além dela mesma.

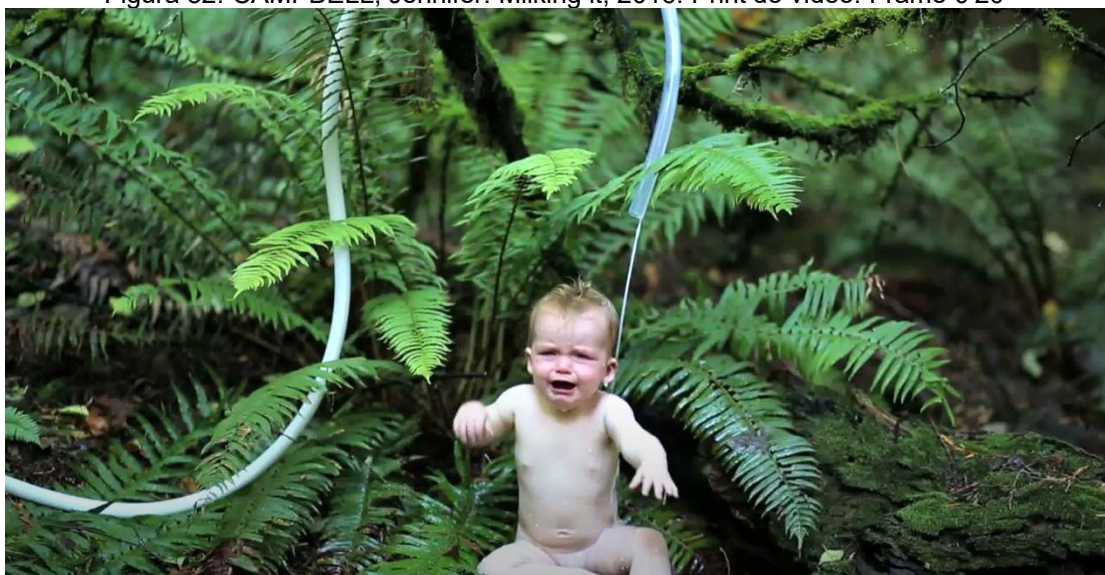
Nas palavras da própria Malu Teodoro sobre seu trabalho:

¹² Marina Abramovic, nascida em 1946 em Belgrado, Iugoslávia, é sem dúvida uma das artistas femininas do nosso tempo. Desde o início de sua carreira na Iugoslávia no início dos anos 1970, onde frequentou a Academia de Belas Artes de Belgrado, Abramovic foi pioneira no uso da performance como forma de arte visual. O corpo sempre foi seu assunto e meio. Explorando os limites físicos e mentais de seu ser, ela resistiu à dor, à exaustão e ao perigo na busca pela transformação emocional e espiritual. A preocupação de Abramovic é criar obras que ritualizem as ações simples do cotidiano como deitar, sentar, sonhar e pensar; com efeito, a manifestação de um estado mental único. Como um membro vital da geração de artistas performáticos pioneiros que inclui Bruce Nauman, Vito Acconci e Chris Burden. (Abramovic 2022)

Eu morri para o que eu era, eu morri para as relações que eu tinha, muito de mim morreu mas muito de mim nasceu em meio ao parto, gritos, choro, sangue e sussurros. Eu sei, minha filha sabe, alguns sabem. você pode não ver, mas eu não estou morta.
(TEODORO, 2018 - 2021)

Outro trabalho contemporâneo interessante sobre amamentação nas Artes Visuais é o trabalho da artista Jennifer Campbell¹³, *Milking it*¹⁴. A artista traz diversos pontos acerca da amamentação, como a dualidade do trabalho materno, onde existe uma certa beleza em cuidar de uma criança e todo o processo exaustivo existente. E a amamentação é um desses processos, amamentar demanda tempo, paciência, noites em claro, não é só colocar a cria no peito que ela faz o resto, requer treino, ajustes, pega adequada, sem isso podemos nos deparar com a mastite, outro ponto levantado pela autora.

Figura 32: CAMPBELL, Jennifer. *Milking it*, 2016. Print do video. Frame 0'20''

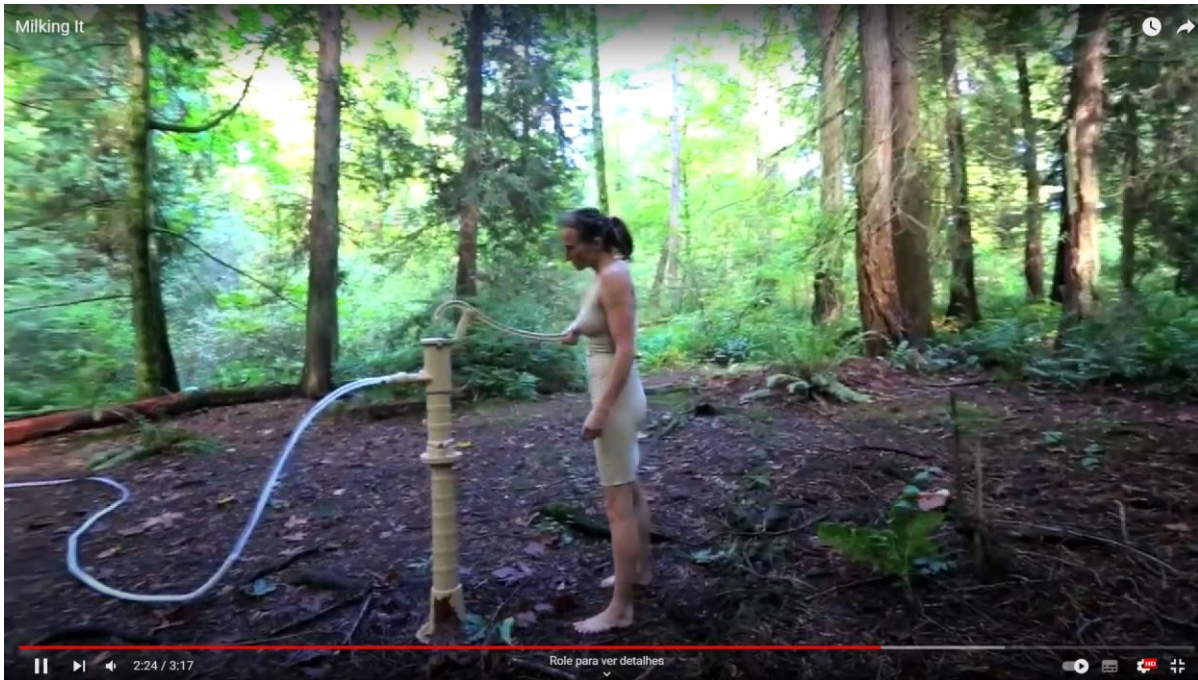


Fonte: <<https://www.jennifercampbellphoto.com/latest/2016/1/21/milking-it>>

Figura 33: CAMPBELL, Jennifer. *Milking it*, 2016. Print do video. Frame 2'24'' ,

¹³ Natural de , Vancouver, BC. Atualmente vive e trabalha em Seattle, WA, Video Out Distribution-VIVO Media Arts, Vancouver BC. Formada em Universidade de Washington: Certificado de Design e Fabricação Digital (2010), Universidade Concordia (Montreal): MFA Photography (2004), University of Victoria (BC, Canadá): Bacharelado em Belas Artes (1998)

¹⁴ CAMPBELL, Jennifer. *Milking it*, 2016



Fonte: <<https://www.jennifercampbellphoto.com/latest/2016/1/21/milking-it>>

O esforço repetitivo e o choro no vídeo me fizeram voltar ao processo de amamentar meu filho e a doença que pode ser causada por ela: Mastite. Mastite é uma inflamação nos mamilos decorrente da pega inadequada, causa vermelhidão, poder haver febre em casos mais graves, dói muito, tive rachaduras nos dois mamilos no início da amamentação. Sempre que a cria chorava de fome eu chorava junto, sabia que aquilo iria demorar, e que enquanto a cria não estivesse saciada eu estaria sentindo aquela dor latejante nos dois seios.

Assim como mostra em sua performance, amamentar é um ato de repetição, que ocorre várias vezes ao dia, a cria não quer saber se você está em um local confortável, ou de pé no meio de várias pessoas, ela sente fome e sinaliza, com o mais profundo choro, e a mãe tem que amamentar.

Me vi várias vezes como Jennifer, às vezes apenas corpo presente, como se fosse uma máquina operando em uma fábrica, aqui uma fábrica de leite.

Márcia, a personagem que dá vida a segunda camiseta dessa série, mesmo tendo ajuda, não conseguiu ir contra a pressão da sociedade, da cobrança de resultados de uma mulher, de ter que dar conta, e infelizmente precisou desmamar suas crias para ser corpo produtivo, não para ela e nem suas filhas, mas para o capitalismo. Por isso, na frente de sua camiseta foi bordada a frase: “Você precisa desmamar”, e logo em seguida, é bordado seu dizer invisível, “Parar de produzir leite,

para produzir dinheiro”. Em nenhum momento precisou ser dito a Márcia que ela precisava desmamar suas crias, a demanda e cobrança do mercado faz isso com as mães. Cobrança é uma das várias palavras que habitam o cotidiano das mulheres mães, quando imergimos no mercado capitalista essa cobrança se torna algo extremamente absurdo, e infelizmente na maior parte do tempo fora do nosso alcance, a medida que o mercado cresce a demanda de dedicação ao trabalho cresce junto, e não se adequa a realidade das pessoas, mas faz com que as pessoas se adequem às necessidades do mercado.

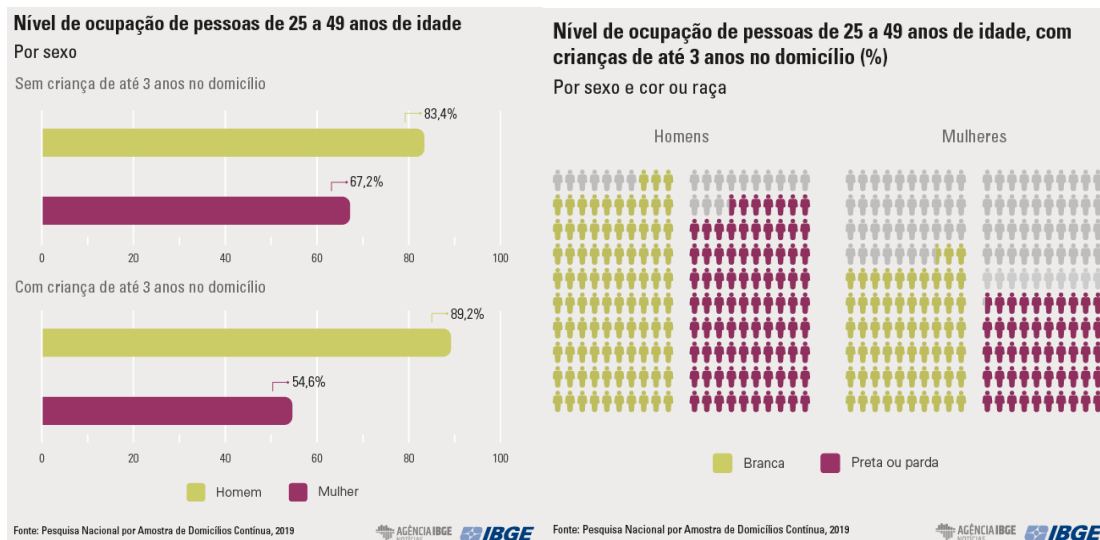
Márcia, assim como as artistas relacionadas neste capítulo, também enfrentou problemas relacionados à amamentação, podemos perceber assim, que existe algo em comum entre essas mulheres, a invisibilização. Cada qual em sua história lidou com dores e sentimentos vistos apenas por elas mesmas, viveram sua dor diária na maior parte das vezes sozinhas, mas aqui elas têm seu espaço de mostrar essa invisibilização. São dores advindas de problemas sociais e culturais, a sociedade não está preparada para lidar com mães.

3.3 Mas você não trabalha.

Que mãe nunca ouviu “mas você não trabalha” que atire a primeira fralda suja. Aqui darei meu próprio relato de uma artista, mãe, mulher, cansada, lidando com o maternar em plena pandemia, sem rede de apoio, apenas ela, o bebê, o esposo, e muita tarefa acumulada.

Realmente muitas mulheres não trabalham, segundo dados do IBGE, o número de homens empregados é maior que o número de mulheres, quando a comparativa é feita com com pessoas que possuem filhos o número de mulheres é menor ainda.

Figura 34: Tabela de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)



Fonte: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30173-mulheres-com-criancas-ate-tres-anos-de-idade-em-casa-tem-menor-nivel-de-ocupacao>>
Acesso em: 2/06/2022

O que não é mostrado nos dados da pesquisa, é o número de mulheres que estão em suas casa sobrecarregadas com atividades domésticas, sem folga, é um trabalho exercido de segunda a segunda, sem remuneração, neste caso sem rede de apoio, é direto, sem pausas.

Encerrando aqui a exploração de histórias maternas de minha família, trago aqui minha história, onde abordo minhas próprias experiências de maternagem:

Kelly enfrentou junto com seu companheiro, sozinhos e isolados em casa, a gestação e o pós parto em meio a pandemia de covid19, sem ajuda, apenas os três.

Situações básicas do dia a dia como lavar a cabeça, era impossível, dias com a cabeça suja resultaram em uma careca muito chamosa. Várias tarefas acumuladas, roupas, casa, descanso, "mas isso passa, relaxa, depois você sente saudade". Saudade? Saudade sente da cria, quando ainda cabia em seus braços, do dia que sentiu seu cheiro pela primeira vez, agora das várias noites aos prantos, virada, sentindo dores cada vez que amamentava, não sentirá saudades.

Ouviu muitas vezes que não trabalhava, e todas as vezes acreditou. Não conseguia perceber o muito que fazia, o quanto estava sobrecarregada de coisas, funções e tarefas.

Se perguntou várias vezes o significado de trabalho, e pelo visto é apenas o que é remunerado, maternar não é considerado trabalho, "as mães fazem por amor", ou porque

"foi ela que pariu, então ela que tem que cuidar".

Viveu muito da romantização da maternidade, provou dos comentários maldosos, viveu vários dias que contou um por um, na esperança que passasse logo.

Ser mãe sem rede de apoio contribuiu para criação de novos traumas, de várias crises de ansiedades e ataques de pânico, sempre você, seu esposo e sua cria.

Sou filha mais velha, mãe de um bebê, tive parto normal, assim como Malu Teodoro experimentei das violências cometidas pela família, mas sempre disfarçados de comentários, “porque uma opinião não machuca ninguém né”, mas será que não? Quem vê? Quem realmente se importa? Vários dias passei com a impressão que estava empurrando as atividades com a barriga, mas então resolvi fazer uma lista de todas as atividades realizadas:

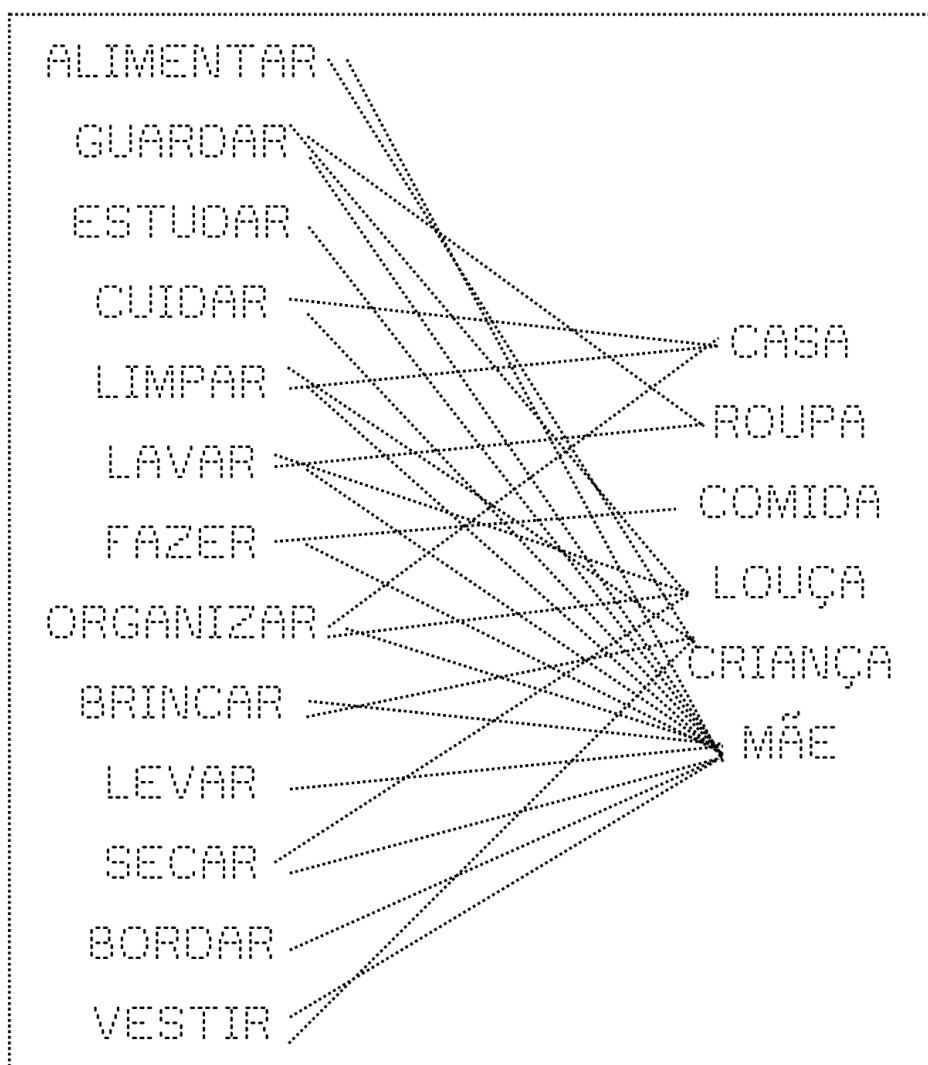
- acordar
- dar banho na cria
- amamentar
- tomar café da manhã (quando dá)
- lavar fraldas sujas
- organizar a casa
- fazer almoço
- estender as fraldas
- almoçar
- amamentar
- lavar as panelas do almoço
- lavar as roupas sujas
- estudar
- amamentar
- dar banho na cria
- trocar a cria
- brincar com a cria

- estender as roupas
- fazer janta
- jantar
- amamentar
- trocar a cria
- fazer a cria dormir
- tentar dormir
- acordar de madrugada para amamentar
- acordar de madrugada para amamentar
- acordar de madrugada para amamentar
- acordar de madrugada para amamentar
- “acordar” e recomeçar novamente o mesmo ciclo

De segunda a segunda, sem folga, direto, até o presente momento somamos, dois anos e onze dias, dos quais não tive folga, listei apenas alguns dos meus trabalhos domésticos, hoje a cria já não mama, mas come muito, para além do meu trabalho de casa, trabalho fora, estudo, e tento conciliar com as demais tarefas.

“Seu horário é você quem faz”, diz os homens brancos, héteros, coach, sentado em seu escritório apenas delegando funções a outras pessoas, já ouvi “faz de madrugada”, mas e meu descanso? Mães não podem descansar, mães são fortes e batalhadoras um exemplo de vida.

Foi assim cansada das sobrecargas, que ouvi diversas vezes “Mas você não trabalha”, então não teria motivos para que eu estivesse cansada, já que todas as funções acerca da maternidade, e do ambiente doméstico, não são consideradas trabalho. Então todas as tarefas repetidas todos os dias sem descanso são o que? Assim, elenquei na parte de trás da minha camiseta palavras e tarefas do meu cotidiano, de um lado coloquei verbos que fazem relação com as tarefas, do outro lado uma atividade a ser feita. Liguei os verbos com seu respectivo ato, fazendo com que as linhas se cruzassem, formando uma trama bem embaralhada, tornando algo difícil de ser compreendido, fazendo relação com as dificuldades encontradas em organizar e executar todas as tarefas incumbidas à mãe.



Aqui traço um paralelo entre todos os trabalhos apresentados até agora, podemos ver um pouco do quanto a maternidade pode sugar das mulheres, o quanto são privadas de direitos básicos, como descanso, da cobrança massiva de ter que dar conta já que foi você que pariu, de ver suas individualidades serem apagadas, seu eu mulher com vontades e gostos desaparecer, de ser apagada dos lugares e das lembranças.

Mãe, é mulher esquecida, muitas vezes pelas pessoas, pelos amigos, pela família, maternar em sociedade, onde são homens que fazem as leis, é um trabalho que demanda muita paciência e raiva acumulada, não é fácil, mas com essa pesquisa consigo enxergar esperança, através dos vários trabalhos que encontrei pelo caminho, das diversas artistas que contribuíram no meu processo, e me alimentaram com conteúdos ricos e inspiradores. Bordar cada camiseta foi resistir, e afirmar nossa existência, aqui existe uma mãe, que sente, que vive, que é real.

4. MÃ(ETERNIDADE

Aqui vejo necessidade de trazer o fruto da minha “gestação” artística, que durante anos permaneceu apenas no meu “ventre”, e agora nasce, cresce e se desenvolve, como a cria.

MÃ(E)TERNIDADE:Invisível foi o título da exposição deste projeto que aconteceu no laboratório Galeria, localizado no campus Santa Mônica da UFU, entre os dias 11 a 15 de julho, e contou com a divulgação online em canais de comunicação e mídia, como Instagram e Whatsapp.

Figura 35: Convite da Exposição



Fonte: Acervo pessoal

Pensando no local expositivo, montamos as araras próximas às portas de blindex da entrada da galeria, criando a sensação de se tratar de uma vitrine, assim como em lojas. Para criar essa sensação, as araras foram dispostas na seguinte ordem, como mostra a figura 36 logo abaixo, da esquerda para a direita está, a arara com a camiseta da Maria, ao seu lado a da Márcia, e por fim, sozinha na outra porta se encontra a minha camiseta.

As araras foram encomendadas com alturas diferentes, possui a altura da mulher correspondente a camiseta pendurada, dando a arara um lugar no espaço e

não apenas um objeto de apoio, mas algo que também faz parte e se incorpora à obra. A arara de Maria tem 1,51cm, a de Márcia 1,55 e a minha 1,71cm.

Figura 36: Araras com camisetas (em ordem da esquerda para direita, avó, mãe e artista)



Foto: Acervo pessoal

Figura 37: Montagem da Exposição



Foto: Acervo pessoal

Mantivemos as informações da exposição na parede ao fundo da galeria, para convidar os visitantes a adentrar o espaço como um todo, e não apenas telespectadores observando além do vidro.

Figura 38: Montagem da Exposição



Foto: Acervo pessoal

Neste processo de montagem, gostaria de destacar um fator crucial para realização do mesmo, a ajuda. Sem ajuda nada disso poderia ter sido realizado, tive uma equipe de montagem e produção, organizada por pessoas da família, que se dispuseram a ajudar nas etapas necessárias para que a exposição abrisse na data.

Elaborei um texto para compor a exposição, de nome “As Marias invisíveis” que há muito muito tempo gerou incertezas se faria ou não parte da exposição. A princípio sua criação se deu no meio do processo de pesquisa, como se fosse sentimentos estivessem pedindo para serem colocados para fora, foram muito dias revivendo memórias, ora boas, outrora ruins, foi uma das poucas vezes que me arrisquei a elaborar um texto, ainda mais para ser visto por várias pessoas.

As Marias invisíveis.

Tinha a Maria vó, filha de uma Maria.

Tinha a Maria mãe, que não era Maria, mas era filha da Maria vó, que era filha de uma Maria.

Tinha a Maria artista, que não era Maria, mas era filha da Maria mãe, que não era Maria, mas era filha da Maria vó, filha de outra Maria.

A Maria vó, filha de uma Maria, conheceu cedo o fardo de ser corpo útil, se ser mil mulheres em uma só. Ela carrega no peito a ferida invisível de ser pilar de uma família.

A Maria mãe, que não era Maria, mas era filha da Maria vó, que era filha de uma Maria, aprendeu com sua mãe as funções da mulher produto: que produz e reproduz, que é corpo útil. Ela carrega a ferida invisível no peito de quem precisou desmamar sua filha, para alimentar o capital.

A Maria artista, que não era Maria, mas era filha da Maria mãe, que não era Maria, mas era filha da Maria vó, filha de outra Maria, que conheceu cedo, as feridas de ser corpo reprodutor/produtor sofrendo com a ausência da figura materna em casa. Carrega no peito a ferida invisível de quem sente que não faz nada, enquanto faz tudo.

Tinha a Maria vó, que é Maria das Dores, filha da Maria Vera.

Tinha a Maria mãe, que é Márcia, filha da Maria vó, que é Maria das Dores, que era filha da Maria Vera.

Tinha a Maria artista, que é Kelly, filha da Maria mãe, que é Márcia, filha da Maria vó, que é Maria das Dores, que era filha da Maria Vera.

MÃ(E)TERNIDADE: INVISÍVEL
KELLY CRISTINA

A princípio a leitura pode parecer difícil e confusa, mas essa é a intenção, os versos confusos trazem uma certa musicalidade como a poesia, tornando o texto algo gostoso e interessante de ser lido. Ao final da exposição, consideramos o texto muito importante para a composição final da exposição, dando um sentido maior, além de criar pistas sobre as camisetas.

A experiência de expor um trabalho pela primeira vez sozinha, me causou dias de ansiedade extrema, o medo e a insegurança se fizeram presente durante todo processo, até o momento da abertura da exposição, foi um mix de sensações. Ali deixei também, junto a outras artistas da história da arte, meu grito, meu recado, de resistência, nós mães existimos e precisamos ser vistas em nossa totalidade.

Figura 39: Exposição: Márcia(mãe) frente sua camiseta

Figura 40: Exposição: Ely (pai)



Fotos: Luiz Otávio

Figura 41: Exposição: Kauanny



Foto: Luiz Otávio

Figura 42: Exposição: Mãe



Foto: Kauanny Cotrim

Figura 43: Proporção das araras, Bahia e Ravi.

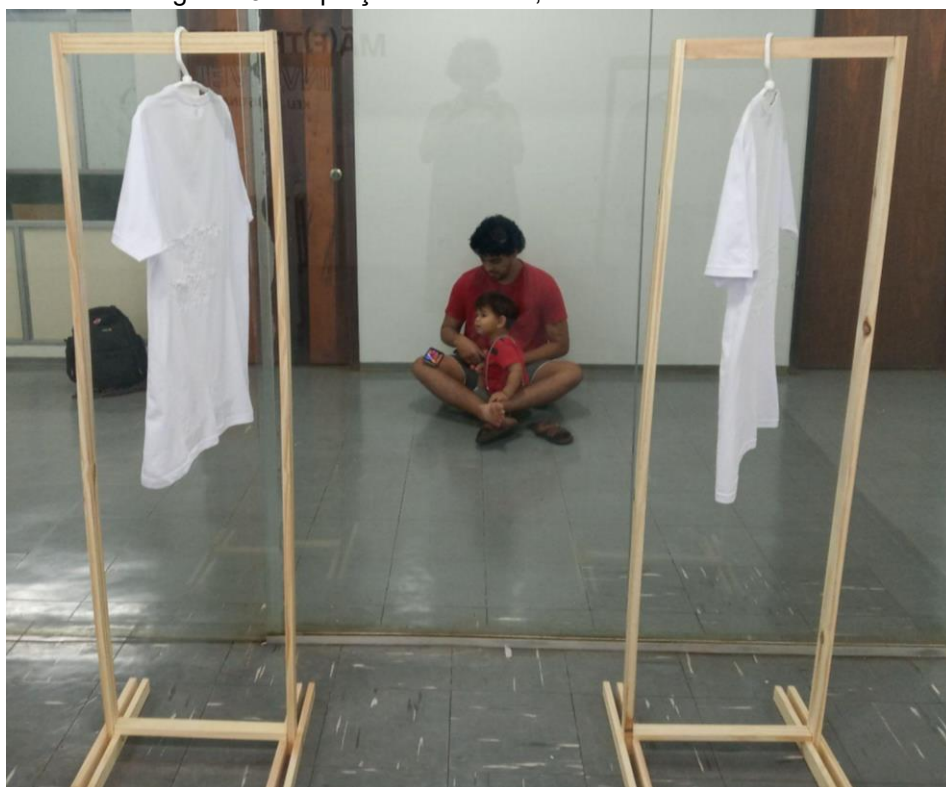


Foto: Kauanny Cotrim

Vendo a concretização do meu trabalho, senti pela primeira vez a potência total da minha pesquisa, o quanto ele é necessário dentro do campo artístico, da academia e dos espaços que ele tocar. Recebi vários comentários de outras mães, agradecendo pela produção de uma obra que fala também por elas, como se todas nós estivéssemos falando juntas ali, em uma única voz, as camisetas.

Figura 44: Exposição: Visitantes



Foto: Acervo pessoal

Finalizando gostaria aqui trazer uma reflexão bem rápida deste trabalho, utilizando o artigo das artistas Clarissa Borges¹⁵ e Luiza Domingos Barra¹⁶ “Engendrar: Reflexões sobre a maternidade em trabalhos de artes visuais na contemporaneidade”, onde as mesmas leem obras de quatro artistas a partir das variações do verbo engendrar: criar(-se), produzir(-se) e gerar(-se), termo utilizado por Simone de Beauvoir no capítulo de título ‘Mãe’ no O Segundo Sexo. As autoras ao final de seu artigo concluem “(...)a maternidade na arte pode à partir da autobiografia, ser luto, como para Elina Brotherus; trabalho, para Jennifer Campbell e Courtney Kessel, ou ainda, pode ressignificar a identidade, como para Lauren Mclaughlin.” (BORGES e BARRA, 2021, p. 011), este trabalho assim como o de Lauren ressignifica a identidade de mãe, da auto afirmação e compreensão da minha existência como pessoa, como ser humano social e sociável, sem abrir mão do ser mãe. De reafirmar na história da arte, a produção de mulheres, mães, artistas e aqui bordadeiras.

¹⁵ Docente do Curso de Artes Visuais na UFU e Doutora em História Social.

¹⁶ Professora de Arte no Ensino Médio. Graduada em Licenciatura e Bacharelado no curso de Artes Visuais na UFU e Mestranda na UFG.

Conclusão

Ao final da produção deste trabalho, inicia um novo ciclo, de percepções e relacionamentos acerca da maternidade, não é o fim de MÃ(E)TERNIDADE, mas o início.

Produzir enquanto mãe é meu maior desafio diário, a rede de apoio inexistente, a carga horária excessiva de tarefas domésticas, trabalho fora de casa, são alguns dos vários fatores dos quais, ser mulher, mãe, produtora, pesquisadora em qualquer área, seja nas artes ou não, é desmotivante.

A academia não acolhe mãe, a pesquisa não acolhe mães, a graduação não acolhe mães, quem acolhe as mães? Quem vê as mães? Não estamos preparados para inserir verdadeiramente as mães em todos os espaços com igualdade, e com o mínimo de dignidade.

Ser mulher em uma sociedade patriarcal significa trabalhar em dobro, sendo mãe a dificuldade se multiplica em mil, ser mãe está longe de ser toda história romantizada, contada por empresas multimilionárias para ganhar dinheiro, utilizando datas como dia das mães para dizer que vê essas mulheres, guerreiras, batalhadoras e inspiradoras.

Chega! Somos mulheres reais, cansadas, temos que ter nosso espaço, nosso momento, nossa vida, precisamos ser enxergadas, lidas, pesquisadas, empregadas, de ter nosso lugar garantido, de ter assistência.

Encerro esta pesquisa enriquecida, de cada mulher que encontrei pelo caminho, pelas diversas trocas e ensinamentos, me sinto mais fortalecida para enfrentar os desafios e seguir sendo resistência, para mim, meu filho, e para outras mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVIC, Marina. Home page da artista. Disponível em:

<<http://www.marinaabramovic.com/bio.html>> Acesso em: 08 ago. 2022

AMAMENTAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022.

Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/amamentar/>> Acesso em: 02 ago. 2022

BARRA, Luiza Domingos. BORGES, Clarissa Monteiro. **ENGENDRAR: REFLEXÕES SOBRE A MATERNIDADE EM TRABALHOS DE ARTES VISUAIS NA CONTEMPORANEIDADE.** *Seminário Internacional Fazendo Gênero 12, 2021.*

Disponível em:

<https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=2351>

Acesso em: 1 abr. 2022

BORGES, Clarissa Monteiro. **O parto nas artes visuais: uma abordagem histórica e feminista do nascimento e da maternidade.** 2019. 318 f. Tese

(Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

Disponível em: <<http://doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2464>>. Acesso em: 27 jul. 2022

BRUXXA, Fanzine feminista “Mães Invisíveis”. **Revista Trapiche: educação, cultura & artes** / Programa de Pós-Graduação em Culturas

Populares-PPGCult/DTE/UFS/CNPq. N. 3, (2019) - São Cristóvão: Universidade

Federal de Sergipe, 2019. 128 p. Disponível em:

<<https://docplayer.com.br/187726248-No3-trapiche-educacao-cultura-artes-universidade-federal-de-sergipe-revista-do-programa-de-pos-graduacao-em-culturas-populares-ppgcult.html>>

Acesso em: 08 ago. 2022

CABRAL, Umberlândia. “Mulheres com crianças até três anos de idade em casa têm menor nível de ocupação”. **Agência IBGE Notícias**, Atualizado em 28/04/2021,

09h20. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30173-mulheres-com-criancas-ate-tres-anos-de-idade-em-casa-tem-menor-nivel-de-ocupacao>>

Acesso em: 2 jun. 2022

CAMPBELL, Jennifer. **Vídeo Milking it.** Disponível em:

<<https://www.jennifercampbellphoto.com/latest/2016/1/21/milking-it>> . Acesso em: 28 jul. 2022

UMBILICAL. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022.

Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/umbilical/>> Acesso em: 02 ago. 2022

DUMONT, Marilu. **Bordado à mão: O nobre caminho de um ofício atemporal,** Blog Matizes Dumont. 2018 Disponível em:

<<https://www.matizesdumont.com/blogs/news/historia-do-bordado-feito-a-mao>> .

Acesso em: 17 mar. 2022

ETERNIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022.

Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/eternidade/>> Acesso em: 02 ago. 2022

FRANÇA, Maira Nani; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas; FUNCHS, Angela Maria Silva. **Guia para normalização de publicações técnico-científicas**. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-342-4>>. Acesso em: 27 jul. 2022

GOMES, Jocarla. **Performance "compor CORPOMÃE"**. YouTube, 2021. <<https://www.youtube.com/watch?v=i7eTILpBC5s&t=8s>> acesso 21:18 07 mar. 2022

GOMES, Jocarla. **Performance sobre cargas no isolamento**, YouTube, 2021. <<https://www.youtube.com/watch?v=ucPJKUPGxjM&t=306s>> sobre cargas no isolamento, Jocarla 21:05 07 mar. 2022

MÃE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/mae/>> Acesso em: 02 ago. 2022

NETO, João. “Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas”. **Agência IBGE Notícias**, Atualizado em 31/05/2019 19h17. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas>> Acesso em: 2 jun. 2022

OLIVEIRA, Monique. “Apenas 39% dos bebês brasileiros de até 5 meses são alimentados só com leite materno, diz OMS”. **G1**, 01/08/2017 11h18. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/apenas-39-dos-bebes-brasileiros-sao-alimentados-so-com-leite-materno.ghtml>> Acesso em: 2 jun. 2022

ORGANIZATION, World Health. “Doença de coronavírus (COVID-19)”. **World Health Organization**. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1> Acesso em: 9 jun. 2022

PARIR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/parir/>> Acesso em: 02 ago. 2022

PAULA, Thalita Ellen Freitas de. **“Torna-te quem tu és”: o bordado como potência para o empoderamento da mulher, em interface com a pintura e outras linguagens**. 2018. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22216/1/TornaQuemTu.pdf>> . Acesso em: 16 mar. 2022.

PEREIRA, Brunna Augusta Monteiro. **Sobre nós, laços e afetos**. 2021. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/34360>> . Acesso em: 27 jul. 2022

ROSA, Lorena de Souza. **Bordado e Resistência: A prática tradicional como potência para a autonomia feminina**. 2019. 55 f. Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em:

<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/26037/4/BordadoResistenciaPratica.pdf>> . Acesso em: 16 mar. 2022.

SIMIONI, A. P. C. **Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil** . *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, , 2007, (45), 87-106. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i45p87-106>> Acesso em: 9 jun. 2022

SIMIONI, A. P. C. **Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan**. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <<https://www3.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2375>> , Acesso em: 22 mar. 2022

TEODORO, Malu. **“Você está Morta”**. Malu Teodoro, 2018 - 2021. Disponível em: <<https://www.maluteodoro.com/voc%C3%AA-est%C3%A1-morta> > Acesso em: 2 jun. 2022

YAMAMOTO, Melissa. LIVE **Invisibilidade materna e a Raiva**, série destabu da raiva. Instagram, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CbbOwCBouJD/?utm_medium=copy_link > Acesso em: 21:18 22 mar. 2022